



Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

GABRIELA FERNANDA SÊJO

**MOMENTOS DECISIVOS EM “*ATRAVÉS DO
BRASIL*”**

**CAMPINAS
2018**

GABRIELA FERNANDA SÊJO

**MOMENTOS DECISIVOS EM “*ATRAVÉS DO
BRASIL*”**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração de Educação.

Orientador: Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA GABRIELA FERNANDA SÊJO, E ORIENTADA PELO PROF. DR. ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO.

CAMPINAS

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CNPq, 2014/12370-0

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Sêjo, Gabriela Fernanda, 1993-
Se46m Momentos decisivos em "Através do Brasil" / Gabriela Fernanda Sêjo. –
Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Alexandro Henrique Paixão.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Livros didáticos. 2. Mercado editorial. I. Paixão, Alexandro Henrique,
1978-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.
Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Decisive moments in "Troughout Brazil"

Palavras-chave em inglês:

Book

Book Market

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Alexandro Henrique Paixão

Andre Luiz Paulilo

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

Data de defesa: 04-06-2018

Programa de Pós-Graduação: Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**MOMENTOS DECISIVOS EM “*ATRAVÉS DO
BRASIL*”**

Autora: Gabriela Fernanda Sêjo

COMISSÃO JULGADORA:

Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão

Prof. Dr. Andre Luiz Paulilo

Dra. Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

A Ata da Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

2018

DEDICATÓRIA

Dedico esta Dissertação de Mestrado em primeiro lugar aos meus pais, Márcia de Fátima Grossi Sêjo e Francisco Sêjo. Em segundo lugar, aos meus avôs já falecidos, Durval Domingos Grossi e Ângelo Sêjo (in memoriam). E por último, ao meu companheiro Fernando Gomes de Almeida.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de externar meus agradecimentos: em primeiro lugar a Deus por ter me possibilitado e capacitado desenvolver essa pesquisa.

Em segundo lugar, agradeço aos meus pais, Márcia de Fátima Grossi Sêjo e Francisco Sêjo por todo o investimento e apoio incondicional dado para que um dos meus grandes sonhos começasse e se tornasse realidade.

Em terceiro lugar, agradeço ao meu orientador Dr. Alexandro Henrique Paixão pela orientação e a confiança depositada em mim. Foram dois anos de uma convivência intensa, escrita, leituras, releituras e muito aprendizado.

Em quarto lugar, agradeço ao meu companheiro Fernando Gomes de Almeida por todo apoio e incentivo nesses dois anos de mestrado.

Agradeço, também, imensamente ao grupo de pesquisa (LECHES) por esses dois anos de convivência, marcados por muita escrita, leituras e aprendizados. O meu muito obrigado ao: João, Zé, Mariana, Jaqueline, Issaka, Rebeca, Yasmim, Hiago, Carla, Emílio, Patrícia Amorim e a Giovanna.

Deixo registrados, também meus cumprimentos e agradecimentos aos professores da Faculdade de Educação e às outras universidades que colaboraram para essa pesquisa: Dr. André Luiz Paulilo, Dr. Aníbal Bragança, Dr. Arnaldo Pinto Junior e o Dr. Claudefranklin Monteiro Santos. E as professoras: Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira, Dra. Heloísa Helena Pimenta Rocha e a Dra. Agueda Bernadete Bittencourt. Agradeço, cordialmente à cada um deles por toda atenção, ajuda e incentivo no desenvolvimento dessa pesquisa. Deixo meus agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação/Unicamp e ao CNPq/PRPG/UNICAMP pela bolsa de Pesquisa. Um agradecimento especial à banca examinadora, Prof.^a Dr.^a Eliana Galvão (UNESP/ASSIS) e Prof. Dr. André Luiz Paulilo (FE/UNICAMP), pelas críticas e sugestões na ocasião da defesa, algo que permitiu retomar o texto e reformular algumas questões.

Externo os meus agradecimentos aos funcionários da Unicamp pela contribuição nas informações fornecidas, nesses dois anos, que serviram como auxílio

à realização dessa pesquisa. Obrigada à essas pessoas: Vicente, Homero, Bira, Renata, Neusa, Adalgisa, Josué, Osmar, Marcos, Claudinha, Nadir e Nísia.

Agradeço especialmente a Iracema Brito Coutinho, ex- assistente do professor Dr. Aníbal Bragança, por toda atenção, colaboração e a disponibilidade dos dias e os horários, nos quais foram realizadas as pesquisas junto ao LIHED, na Universidade Federal Fluminense. Às pessoas que trabalham nos arquivos e bibliotecas que me acolheram nesses dois anos de pesquisas.

Agradeço com a mesma intensidade e forma ao Dr. Rafael Camargo, o Dr. André Paraiso Forti, a Dra. Ana Paula, pelos cuidados dispensados à mim e, também a preocupação, pela qual com o desenvolver da pesquisa e a convivência de minha vida acadêmica na Unicamp.

Meus agradecimentos, também ao meu professor de contrabaixo-acústico Valgério Gianotto, a Dra. Ester Cecília Fernandes Baptistella, a professora Sueli Teixeira, o maestro Fernando Ortiz de Villate e ao meu tio Edson Del Angelo por todas as conversas, ajuda, apoio e incentivo oferecidos para que a presente pesquisa se desenvolvesse e acontecesse.

Por último, mas não menos importante, deixo registrado os meus agradecimentos à Casa de Oração à Seara, em especial a enfermeira Marta, por todas as orações e aconselhamentos à saúde física e espirituais que são dispensados às pessoas e, também a mim, há mais de um ano.

RESUMO

Durante décadas um livro voltado para a formação escolar, e até hoje reeditado, marcou diversas gerações de leitores. Publicado em 1910, *Através do Brasil*, de autoria de Olavo Bilac e Manoel Bomfim, está entre os fenômenos da edição de livros didáticos no país, com 66 edições. Consideramos essa obra impressa uma expressão da cultura escolar brasileira, pois através das suas edições podemos acompanhar a maneira como os homens viam a si mesmos, pois em suas páginas editadas e reeditadas, diferentes momentos da sociedade brasileira aparecem representados. Compreender parte deste percurso editorial através de algumas palavras-chave, como “viagem” e “mulato”, tendo como “ponto de partida” a edição de 1931, e suas diferentes versões estão no cerne da presente pesquisa inscrita numa perspectiva da História e Sociologia da Cultura.

Palavras-chave: Livro – Mercado Editorial - *Através do Brasil*

ABSTRACT

For decades, a book directed towards school education, marked many generations of readers and is still reprinted nowadays. Released in 1910, "*Através do Brasil*" ["Troughout Brazil"], by authors Olavo Bilac and Manoel Bomfim, is amongst the phenomena of school books publishing in Brazil, with 66 editions. We consider this printed work an expression of brasilian culture, for trough its editions we are able to go along the ways of existence, of the way men saw themselves, for in their published and replubished pages different moments of brasilian society were represented. The aim of this research, guided by a Cultural Hystory and Sociology perspective, is to comprehend part of this editorial path through some key-words, such as "travel" and "mulatto", adopting as a "starting point" the edition from 1931, and its different versions.

Key-words: Book — Book Market – *Através do Brasil [Troughout Brazil]*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Contrato de trabalho ampliado – Francisco Alves	28
Figura 2: Contrato de Trabalho da Editora Francisco Alves.....	29
Figura 3: Quadro sintético dos Direitos do Autor.....	32
Figura 4: Catálogo da Livraria Francisco Alves de 1931	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Gravuras e páginas do original – <i>Através do Brasil</i> de 1931	23
Quadro 2: Gravuras e páginas do original – <i>Através do Brasil</i> de 1931	49
Quadro 3: Catálogo da Livraria Francisco Alves repisado - 1931 a 1938.....	62
Quadro 4: População de fato, na data dos recenseamentos gerais do Brasil, sua densidade e distribuição segundo o sexo, grupos de idades e outros caracteres individuais apurados.....	77

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	5
AGRADECIMENTOS.....	6
RESUMO	8
ABSTRACT	9
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	10
LISTA DE QUADROS.....	11
Introdução.....	13
Capítulo 1: <i>Através do Brasil</i>	20
1.1 Edição de 1931	22
1.2 Francisco Alves.....	29
1.3 <i>Através do Brasil</i> e o sentido de educação	34
1.4 Manoel Bomfim e Olavo Bilac: autores de <i>Através do Brasil</i>	39
Capítulo 2: Palavra-chave “viagem”.....	47
Capítulo 3: Palavra-chave “mulato”.....	64
Considerações Finais.....	82
Referências Bibliográficas.....	84

Introdução

Esta dissertação de mestrado dedica-se ao estudo de *Através do Brasil*, obra escrita pelos autores Manoel Bomfim (1868 - 1932) e Olavo Bilac (1865 - 1918). Trata-se de um livro que recebeu muitas edições no Brasil, sendo reeditado até os dias atuais. Foi estudado por importantes pesquisadores, merecendo destaque os estudos de Marisa Lajolo e Claudefranklin Monteiro Santos¹. O mesmo aconteceu com seus autores, objeto de pesquisa de diferentes estudiosos do pensamento social brasileiro, como Lucia Lippi Oliveira². Esta pesquisa parte desses estudos consagrados sobre a obra e seus autores e quer tentar compreender, se, o que está ocorrendo neste romance está acontecendo na vida em geral, no momento de cada edição.³ Buscando se orientar por aquela assertiva de que uma literatura é expressão da *maneira como os homens viam a si mesmos*⁴, este trabalho através do método das “palavras-chave”, localizou no texto original de 1910⁵ diferentes palavras e buscou, a seguir, tentar interpretar como cada uma delas foi ganhando novos significados, a depender do contexto em que o livro era reeditado.

A expressão “palavras-chave” foi utilizada por Raymond Williams⁶ ao analisar os processos culturais relativos à comunicação envolvendo a Inglaterra após a Segunda Guerra Mundial. Segundo ele, as pessoas continuavam a falar sua língua nativa, mas os usos e significados eram diferentes, tinham sido modificados em função da guerra. Ele considerava que as palavras-chave “[..] são palavras

¹ Conferir, respectivamente, LAJOLO, Marisa Philbert. *Usos e abusos da literatura na escola*. Universidade de São Paulo, USP, Brasil, 1980 e SANTOS, Claudefranklin Monteiro. *Através do Brasil: uma trajetória centenária*. São Cristovão: Editora UFS, 2012.

² OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2002.

³ Em “A meia marrom”, Erich Auerbach sintetiza que o que ocorre no romance, aquilo que vivem e sentem suas personagens, acontece também com os homens em geral. Nas palavras do autor: “Aquilo que nele [romance] ocorre trata-se de acontecimentos internos ou externos, embora se refira muito pessoalmente aos homens que nele vivem, concernem também, e justamente por isso, ao elementar e comum a todos os homens em geral”. Erich Auerbach. “A meia marrom”. In: *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 497.

⁴ A assertiva é de Erich Auerbach. Segundo Leopoldo Waizbort, leitor de Auerbach, no ensaio sobre Montaigne, o filólogo alemão apresenta uma teoria de compreensão histórica a partir da compreensão de si mesmo, algo exposto nas literaturas. Conferir WAIZBORT, Leopoldo. “Erich Auerbach sociólogo” [Vico e Auerbach, esquematicamente]. In: *Tempo social*, vol.16, n.1, São Paulo, Junho 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702004000100004>>; acesso em: Abril 2017.

⁵ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil: Leitura para o curso médio das escolas primárias*, Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves, 1910.

⁶ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Tradução de Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

significativas e vinculantes em certas atividades e em sua interpretação; são palavras significativas e indicativas em algumas formas de pensamento”.⁷ Da nossa parte, consideramos o vocabulário “palavras-chave” como sendo de época. O termo está nos vocábulos, nas mensagens, nos pensamentos da sociedade e nos ajudam a pensar, podemos sugerir novamente, *como os homens viam a si mesmos* em uma determinada época.

Raymond Williams afirma que as análises de época costumam tomar determinado processo cultural, como aquele que envolve a produção de romances variados – no nosso caso, a reedição de uma obra literária -, como parte de um sistema cultural mais amplo, que expõe determinadas “características dominantes”.⁸ Tais características dominantes podem ser encontradas nas palavras-chave de *Através do Brasil* e em outras produções de época, como nos documentos variados (impressos, edições, cartas, etc.) que iremos apresentar.

Uma ressalva antes de prosseguir: compreendemos que Williams tece algumas críticas às chamadas “análises de época”, na medida em que para ele ocorre um fechamento em um único sistema cultural, formado pelo modo de vida de uma época. Todavia, para esta pesquisa a “análise de época” poderá ser bastante produtiva, pois vamos analisar uma época específica da sociedade brasileira (1930), uma única obra (*Através do Brasil*) escrita por dois autores específicos (Olavo Bilac e Manoel Bomfim), não tendo a pretensão de realizar explanações sobre diferentes épocas e variados autores e obras, tal como realiza Raymond Williams em sua obra capital *Cultura e Sociedade* (1958). Nosso esforço, portanto, é mais restrito e centrado na reedição de uma única obra literária, que terá seus momentos decisivos reconhecidos pelo estudo das palavras-chave.

Através do Brasil foi editado e publicado em 1910⁹ pela editora Francisco Alves e, ao longo de suas 66 edições, permaneceu como livro “adotado nas escolas por mais de seis décadas”.¹⁰ Em 1965 a obra deixa de ser editada pela Francisco Alves e

⁷ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*, op. cit. p. 32.

⁸ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 124.

⁹ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil: Leitura para o curso médio das escolas primárias*, op. cit., 1910.

¹⁰ OLIVA, Terezinha Alves de; SANTOS, Claudfranklin Monteiro. *As multifaces de “Através do Brasil”*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, n. 48, 2004, p. 111. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n48/a05v24n48.pdf>> Acesso em: 17/03/2018.

é reeditada em 2000¹¹, pela Companhia das Letras - organização de Marisa Lajolo. Sua edição mais recente foi publicada pela Fundação Darcy Ribeiro em 2013¹², escrita pelo autor Manoel José do Bomfim com prefácio de Claudio Murilo Leal e organizado por Paulo de F. Ribeiro.

O presente trabalho considera algumas das diferentes edições (1931¹³, 1958¹⁴ e 1962¹⁵),¹⁶ *mas se concentra e analisa, somente a edição de 1931*¹⁷. E é por conta da quantidade imensa de reedições, que a presente pesquisa questiona o que explica a longevidade de *Através do Brasil*, permitindo que seja editado e reeditado várias vezes, em diferentes tempos e sociedades. Neste trabalho, não teremos condições de explicar isso em diferentes *momentos decisivos do livro, diferentes edições*, pois para isso seria necessário algo como um debate acerca dos interesses do mercado editorial ou das tendências sociais que fundam um gosto.¹⁸ Isso apenas para começar, pois discutir a longevidade de uma obra literária requer um esforço enorme também de discussão do papel social da literatura em diferentes sociedades, algo impossível de se realizar aqui.

Por conta disso, nossa proposta é mais localizada e se refere ao lugar social que *Através do Brasil* pode assumir em 1931, graças algumas palavras-chave, como “mulato”, por exemplo. Quando o livro foi reeditado pela vigésima terceira vez, tal palavra-chave presente no livro, desde a primeira edição, só pode ser reconhecida em toda sua força semântica, podemos levantar essa hipótese, graças ao debate sobre questões étnicas da década de 1930.

¹¹ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil: prática da língua portuguesa; narrativa*. Organizado por Marisa Lajolo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

¹² BOMFIM, Manoel José do (Autor); LEAL, Claudio Murilo, (pref.); RIBEIRO, Paulo de F. (org.). *Através do Brasil/ Olavo Bilac e Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro (RJ, BR): Fundação Darcy Ribeiro, 2013 (Coleção Biblioteca Básica Brasileira, 23).

¹³ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves, 1931.

¹⁴ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves, 1958.

¹⁵ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa)*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves, 1962.

¹⁶ Essas edições encontravam-se disponíveis na Universidade Federal Fluminense em Niterói. Pertence ao acervo do LIHED, sob os cuidados do professor Aníbal Bragança.

¹⁷ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias, op. cit.*, 1931.

¹⁸ Conferir PAIXÃO, Alexandre Henrique. *Leitores de tinta e papel: elementos constitutivos para o estudo do público literário no século XIX* Campinas: Mercado de Letras, 2017, p. 286.

Segundo os estudiosos de *Através do Brasil*, e conforme as pesquisas realizadas por nós nas edições disponíveis¹⁹, é possível perceber que a mudança central que a obra sofreu de uma edição a outra foi em relação a sua “materialidade” (formato, tipo de capa, papel, tinta, costura etc.), pois parece que o texto permaneceu o mesmo. Podemos aventar, portanto, que uma mudança nas imagens ou ilustrações, ou mesmo o formato podem interferir no conteúdo, contudo, o texto em sua organização do campo lexical parece não ser alterado. Em compensação, do ponto de vista semântico, veremos algumas mudanças, pois a presença do livro se alargou numa época diferente que o viu nascer. A obra criou outro universo de sentido, graças à resignificação de algumas palavras-chave em um novo contexto social.

Dessa maneira, denominamos de “momentos decisivos”²⁰, em *Através do Brasil*, aqueles momentos em que uma obra de literatura se combina com outras vozes do período, construindo aquilo que Candido chama de “nota dominante” de um sistema de obras impressas. Claro que existem outros momentos, outras notas, eles mesmos ligados a outras edições e seus respectivos tempos históricos. Contudo, escolhemos somente um deles para testar nossa hipótese de que o livro tem uma força comunicativa específica na década de 1930, graças a algumas palavras-chave que carrega da edição original e que, ao ser reeditado pela vigésima terceira vez em 1931, reforça algumas “notas dominantes” da época.

Nesses termos, selecionamos as seguintes palavras-chave para estudarmos o texto e o contexto: “viagem” e “mulato”. Na verdade, tais vocábulos estão na “boca” da sociedade brasileira ao longo do século XX, todavia, subentendemos que algumas delas se destacaram em uma época e em outras não.

¹⁹ Dada a dificuldade de encontrar as obras de *Através do Brasil*, analisamos as edições de 1910, 1923, 1931, 1958, 1962, 2000 e 2013. Vale ressaltar que as edições de 1923 e 2013 encontram-se disponíveis na internet. As edições de 1931, 1958 e 1962 foram consultadas e analisadas em pesquisas feitas ao LIHED na Universidade Federal Fluminense em Niterói. A edição de 2000 encontra-se disponível na Biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP. Já as informações sobre a edição de 1910 foram obtidas e tiradas do artigo “As multifaces de ‘Através do Brasil’”. In: OLIVA, Terezinha Alves de Oliva; SANTOS, Claudefranklin Monteiro. *As multifaces de “Através do Brasil”, op. cit.*, 2004.

²⁰ O termo é utilizado por Antônio Candido para fazer a discussão sobre a literatura em seu livro *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Segundo o próprio autor: “[...] Porque se qualificam de *decisivos* os momentos estudados [...], de *literatura* propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Antônio Cândido. “Literatura como sistema”. In: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro, RJ; São Paulo, SP: Ouro sobre Azul: FAPESP, 2009, p. 25 – *grifos do autor*.

Apenas para iluminar o ponto, tomemos como um rápido exemplo a palavra-chave “mulato” de *Através do Brasil*: vemos que, na década de 1930, ela poderá ser, necessariamente, ressignificada se for combinada com outras notas dominante do período que mobilizam a mesma palavra-chave, como ocorre na sociologia de Gilberto Freyre²¹. Tanto o *Através do Brasil* de 1910, como a reedição em 1930, trazem a mesma “imagem social” de um tipo social que “revolucionará” a maneira como víamos a nós mesmos.

Mas, e outras palavras-chave, como, “viagem”, “infância” e “família”? Na verdade, elas estão presentes em todas as épocas, pois coincidem com o papel aventureiro do momento, com a educação doméstica e a forma como a pedagogia oficial vai se desenvolvendo na sociedade brasileira. Contudo, não discutiremos todas essas palavras-chave, mas somente “viagem”. Compreendemos, na verdade, que infância e família nos acompanharão ao longo da discussão de “viagem” e “mulato”, consideradas a mais decisivas na década de 1930.

Partindo dessas ponderações, no Capítulo 1 denominado *Através do Brasil* faremos uma revisão bibliográfica da obra e seus autores. No Capítulo 2 introduziremos o sentido de “viagem” – antecipamos que coincide com a ideia de formação nacional – e, concomitante a isso, trataremos do lugar da infância e da família para pensar o lugar da escola. É importante ressaltarmos também aqui, que estamos considerando *Através do Brasil* em 1931, ano em que é reeditado e não em seu nascedouro - 1910. Isso ocorre, pois trata-se de um “mapa temporal”, no qual podemos percorrer e perceber o lugar que determinado um livro ocupa em um determinado tempo específico, como veremos mais à frente.

Por fim, no Capítulo 3, dedicado a 1931, nosso assunto extraído de *Através do Brasil* é o “mulato” Juvêncio. Nesse momento, retomaremos essa discussão eminentemente sociológica da questão racial e como o livro de Bomfim e Bilac expõem o assunto.

Assim sendo, partindo da consideração, previamente colocada, de que as palavras-chave de uma determinada época são portas de entrada para compreender a forma “*como os homens viam a si mesmos*”, sentimos a necessidade de tentarmos

²¹ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2004.

trazer, também, algumas fontes extratextuais. Desta forma, utilizamos como metodologia de pesquisa, além da leitura textual a análise de jornais e revistas pelo site da Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro²². A análise concentrou-se nos periódicos específicos do Rio de Janeiro, pois foi o local no qual a Editora Francisco Alves instalou-se, primeiramente. Portanto, a obra *Através do Brasil* circulou primeiramente por ali. Os resultados desta pesquisa de fontes extratextuais serão apresentados ao longo dos capítulos conforme sua relevância.

Entretanto, é necessário marcar, aqui, a importância dessa perspectiva sobre o texto e o contexto. Vale destacar, deste modo, aquilo que alguns estudiosos do livro e da leitura têm apontado: “de que não existe texto fora das circunstâncias e do suporte em que é dado a ler ou a ouvir”.²³ Dessa maneira, a leitura como prática é entendida:

Por um lado, em sua relação com o leitor e suas habilidades, competências, necessidades, desejos; e, por outro, com um texto carregado das intenções do autor/editor/ilustrador, pressupondo determinadas finalidades de uso, configurado em um gênero do discurso e materializado em um suporte.²⁴

Uma vez alterado os leitores efetivos, seja no decorrer do tempo ou no interior de uma mesma sociedade, a obra ganha novas fisionomias ao se juntar a outras obras e a outros leitores, conforme explica Norma Sandra de Almeida Ferreira²⁵, em seu texto sobre os usos do livro.

Os textos escritos por seus autores, mesmo que inalterados, mantém sua “[..] estabilidade no conteúdo e na linguagem, recebem intervenções de ordem tipográfica orientadas pela representação que se tem do leitor pressuposto para eles”.²⁶ Nesse esforço, aciona-se e inclui-se protocolos de leitura em capas, índices, orelhas e prefácios “para que leitores e escritores compartilhem de um repertório comum de

²² HEMEROTECA DIGITAL. Site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital>> Acesso em: 20/04/2017

²³ FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Um estudo das edições de Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 2 (59), maio/ago, 2009, p. 186. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n2/v20n2a12.pdf>> Acesso em: 17/03/2018.

²⁴ FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Um estudo das edições de Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*, op. cit., p. 186.

²⁵ FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Um estudo das edições de Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*, op. cit., p. 187.

²⁶ CHARTIER, Roger *apud* FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Um estudo das edições de Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*, op. cit., p. 187.

referências e formas de apropriação que permitem o (re) encontro com a obra”.²⁷ Inclusão de imagens, destaque pela cor ou tamanho das letras, entre outros:

Dão suportes móveis às possíveis atualizações de texto, permitindo um comércio perpétuo entre textos imóveis e leitores que mudam, traduzindo no impresso as mutações de horizontes de expectativas do público e propondo novos significados além daquelas que o autor pretendia impor aos seus primeiros leitores.²⁸

Assim, “facilmente se constata que cada edição guarda certa autonomia e, ao mesmo tempo, certa dependência em relação às demais”.²⁹ Todavia, permanecendo inalterada ou não um texto literário em suas constantes reedições, cabe a nós refletir como um livro se comunica com uma época diferente daquela que o viu nascer. Nossa hipótese é que as palavras-chave é que operam essa comunicação no tempo, permitindo que uma obra sobreviva em outro tempo. Mas não somente isso. A imprensa, vista como uma “comunidade imaginada”³⁰ é também central.

O sentido de comunidade imaginada a que nos referimos é que todos leem o que os outros estão lendo, no nosso caso, todos falam ou pensam coisas parecidas, algo que as palavras-chave nos ajudam a identificar. Isso, inclusive, pode nos ajudar a começar a compreender o porquê das inúmeras reedições de *Através do Brasil*, que além de servir de testemunho de um interesse editorial, são indicativos de que a obra atendeu determinadas “necessidades” sociais, através dos seus leitores,³¹ como veremos nos capítulos a seguir.

Vale somente mais uma ressalva, antes de prosseguir: não iremos tratar de um estudo do público leitor de *Através do Brasil*, mas da forma como o livro se comunica e ao mesmo tempo compartilha de uma nota dominante de uma determinada época, algo que as palavras-chave repetidas em diferentes obras, por diferentes autores, nos

²⁷ FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Um estudo das edições de Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*, op. cit., p. 187.

²⁸ CHARTIER, Roger apud FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Um estudo das edições de Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*, op. cit., p. 187.

²⁹ FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Um estudo das edições de Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*, op. cit., p. 188.

³⁰ O termo é utilizado por Benedict Anderson em seu livro *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. In: ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³¹ Foi Siegfried Kracauer que disse que os livros de sucesso são considerados assim, porque satisfazem as necessidades dos leitores. Ver KRACAUER, Siegfried. “Sobre livros de sucesso e seu público”. In: *O ornamento da massa*. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 108.

ajudam a compreender. Daí o trabalho tentar dar atenção a livros, jornais, impressos variados da década de 1930.

Capítulo 1: *Através do Brasil*

Através do Brasil escrito pelos autores Manoel Bomfim e Olavo Bilac foi publicado em 1910 pela editora Francisco Alves. Para iniciar nossa análise, apresentaremos resumidamente a narrativa da trama.

A obra narra a história de dois irmãos: Carlos e Alfredo, o primeiro de 15 anos e o segundo de 10 anos, que eram alunos de um internato na cidade de Recife. Foi nesse internato, num desses dias qualquer, que as personagens tiveram a triste notícia de que seu pai, um engenheiro conhecido pelo nome de Meneses, haveria morrido sem mais nem menos, vítima de uma doença desconhecida.

Tomados de desespero pela notícia, os meninos decidem fugir do internato à procura do pai, iniciando assim uma viagem pelo Brasil. O trajeto começa na cidade de Recife e termina no estado do Rio Grande do Sul.

Durante o trajeto, quando estavam em Petrolina, Carlos e Alfredo ouviram a conversa de um homem que voltava de viagem de Pernambuco. Ele falou que passou por aquelas bandas um engenheiro muito doente. Na verdade, o que se sabe é que ele faleceu após ter recebido atendimento médico. Ao terminarem de ouvirem à conversação, os meninos foram tomados por uma angústia muito grande. Ligaram a informação recebida com o que havia acontecido com seu pai e acreditaram que ele estava morto.

Nesse instante, Carlos, por ser o irmão mais velho começou a pensar o que faria agora. Voltaria para o internato ou iria à Bahia procurar parentes ou conhecidos de sua família, que os ajudariam a chegar no estado do Rio Grande do Sul, onde morava sua avó paterna? O menino decide ir para o estado da Bahia, pois a viagem de volta ao internato era cansativa e custosa ao mesmo tempo. Ele sabia que não possuía os recursos financeiros necessários para custeá-la. Na verdade, se perguntava como faria também para chegar ao estado da Bahia, uma vez que não conhecia o trajeto e nem as cidades pelas quais deveria passar.

Junto desses pensamentos vinha a preocupação com o irmão. Ele era novo e totalmente dependente dele nesse momento. Por um instante, Carlos cessou suas indagações e ouviu uma melodia ao longe. Pela cantoria, percebeu que se tratava de um homem, talvez, de um menino, não sabia ao certo. Então, ele resolveu esperar um pouco e acabou avistando ao longe um menino. Quando este aproximou-se, Carlos pediu a sua ajuda para chegar até a cidade de Villa Nova da Rainha. O menino ouviu o que ele falou, afirmando que poderia ajudá-los, pois iria passar por lá para chegar à cidade de Alagoinha.

Depois disso, apresentou-se e começou a contar a sua história. O menino chamava-se Juvêncio, vivia em Cabrobó e trabalhava no ofício de ferreiro. Morava com sua madrinha e seu padrasto. O padrasto cometeu um ato de violência contra sua esposa e Juvêncio teve que entrar no meio da confusão, para defendê-la. O casal acabou se separando, mas seu padrasto começou a persegui-lo tanto em sua casa quanto no trabalho.

Numa noite a casa do menino foi invadida. Juvêncio teve que fugir empurrando o telhado, correndo mata a dentro. Nessa noite chovia muito. Quando já era dia, o menino cansou de tanto correr e, sentindo muitas dores no corpo, acabou adormecendo. No outro dia, ao acordar, percebeu que estava na casa de um senhor conhecido do seu trabalho. Ele cuidou de Juvêncio a noite inteira. A madrinha do menino foi avisada sobre o ocorrido. Passados alguns dias, ela foi visitar Juvêncio, que ainda estava se recuperando. Avisou que decidiu se mudar para Serra Negra, na casa de uns conhecidos de sua irmã. Ela queria que o menino viesse junto. Juvêncio não aceitou a proposta. Resolveu que iria para Alagoinha na casa de um padre que foi vigário de Cabrobó, cidade na qual morava.

Ao passarem pela cidade de Villa Nova da Rainha, os meninos e Juvêncio resgataram um senhor que perdeu o controle do cavalo e foi parar mato adentro. Ele acabou morrendo. Depois de ocorrer o velório, Juvêncio descobriu que o padre que procurava se mudou. Ninguém sabia para onde. A partir daí ele resolveu não ir mais para a Alagoinha. Parte em direção à Bahia juntamente com Carlos e Alfredo.

Os três meninos passaram por uma variedade de locais e cidades até chegarem à Bahia. Quando enfim lá chegaram, Carlos e Alfredo saíram à procura de informações sobre a família de seu pai e Juvêncio foi à procura de um emprego.

Depois de muito andarem pela cidade, os irmãos souberam que havia um engenheiro que poderia ter informações sobre seu pai. Ao chegarem à casa dele, os irmãos se apresentam e contam sua história. O engenheiro depois de ouvi-los, os acolhe, oferece abrigo e comida para eles e Juvêncio. Ele afirmou que recebeu um telegrama dos parentes dos meninos do Rio Grande do Sul, que avisava sobre o sumiço deles do internato e que, caso os encontrasse, deveria mandá-los imediatamente para lá.

E assim aconteceu. Os irmãos se despediram de Juvêncio e no dia seguinte foram para o estado do Rio Grande do Sul através de uma longa viagem de trem. Conheceram muitos passageiros e cidades novas. O trem parava em determinados locais para embarcar e desembarcar passageiros. Por sua vez, Juvêncio, por indicação do engenheiro, foi trabalhar em Manaus. Fez toda a viagem de barco, conheceu muitas paisagens e se entrosou rapidamente com os outros funcionários, que estavam a bordo.

Ao desembarcarem no Rio Grande do Sul, Carlos e Alfredo foram recepcionados por seus tios e levados até a casa de sua avó. Ao chegarem lá, contaram a sua história e ouviram uma notícia que os deixou muito contentes: seu pai não estava morto. Ele ficou doente, mas conseguiu se tratar e estava bem. Ao se recuperar, Meneses entrou em contato com sua família no Rio Grande do Sul. Ao saber o que aconteceu com os meninos, o pai deixou Pernambuco e foi à procura deles na Bahia.

Ao chegar lá, o engenheiro o recepcionou e o levou para a sua casa. Ele deu notícias de Carlos e Alfredo. Falou também de Juvêncio. O engenheiro contou o que o menino fez para ajudar Carlos e Alfredo. Afirmou também que Juvêncio estava doente em Manaus. O pai de Carlos e Alfredo ao saber da situação de Juvêncio partiu em viagem para Manaus para buscá-lo. O engenheiro escreveu um telegrama a família do Rio Grande do Sul para avisar que Meneses partiu em viagem para buscar Juvêncio e que ambos retornariam juntos para o Rio Grande do Sul. Assim termina a história de *Através do Brasil* e assim começa este trabalho que visa compreender momentos decisivos do livro quando esse foi reeditado em 1931.

1.1 Edição de 1931

A edição de 1931³² tem como título “Pratica da Lingua Portugueza *Atravez do Brasil* (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primarias” – 23ª edição revista. Na contracapa, está escrito o “Extracto do Catalogo da Livraria Francisco Alves” no qual aparece citado o nome de alguns autores e suas obras. O nome de Olavo Bilac aparece escrito duas vezes: na primeira em parceria com Coelho Netto, as obras citadas são: *Patria Brasileira*, *Contos Patrios* e *Theatro Infantil*.³³ Na segunda vez, é citado sozinho. A obra referenciada é *Poesias Infantis*.³⁴

Nesta edição, *Através do Brasil* possui 322 páginas, 82 capítulos e 12 páginas de vocabulário com um índice ao seu final. Vale ressaltar que esse vocabulário é um apêndice, pois se o tirarmos do livro seu sentido não é alterado. Foi escrito para que a obra pudesse ser lida e compreendida por seus leitores. Dessa maneira, podemos considerar que tenha sido criado por seus próprios editores. Chama-nos a atenção algumas palavras presentes nele: Catadupa (cachoeira, cascata), Comedia (sertão a pastagem do gado), Copiar (varanda), Condoer-se (ter pena), Constancia (perseverança), Decepção (desillusão), Fralda (a aba do morro), dentre outras.³⁵ Ao analisar o significado dessas palavras, podemos perceber que se trata de um vocabulário de época, pois expressam pensamentos e ações de um determinado momento. Isso evidencia, talvez, a estreita relação que *Através do Brasil* tem com uma sociedade e tempo específico, pois fora daquele contexto, o sentido de palavras-chave como “comédia”, “catadupa”, “fralda” etc., é outro.

A edição de 1931³⁶ possui 48 ilustrações, como se pode observar no quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Gravuras e páginas do original – *Através do Brasil* de 1931

Nome	Página
Pateo da Igreja do Terço, no Recife;	15

³² BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Lingua Portugueza Atravez do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., 1931.

³³ Obras grafadas como no original na contracapa da edição de 1931. Conferir BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Lingua Portugueza Atravez do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., 1931.

³⁴ Obra grafada como no original na contracapa da edição de 1931. Conferir BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Lingua Portugueza Atravez do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., 1931.

³⁵ Palavras com seus significados grafados no original. Conferir BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Lingua Portugueza Atravez do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., 1931.

³⁶ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Lingua Portugueza Atravez do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., 1931.

Vista do porto do Recife formado pela muralha natural dos arrecifes, sobre a qual está o forte Brum;	19
Um cannavial na época do córte das cannas, que são transportadas para a usina num pequeno trem;	25
Menino de tribu Cayapó. Ao lado – o interior de uma habitação de índios, da mesma tribu;	27
Arcos, flechas, settas, harpão e machados, usados pelos índios bororós;	34
Taba India;	38
Mayacú – especie de cesta em que as índias bororós carregam os filhos. Chefe bororó, armado e ornamentado;	39
Uma tropa de burros, fazendo transporte de cargas, no interior do Brazil;	42
Maceió – Praça da Matriz;	49
Sergipe – Palacio do Governo, em Aracajú;	55
Cachoeira de Paulo Affonso;	60
O vapor Joazeiro, da Empreza “Viação do S. Francisco”;	64
Um criador de bois, com seus vaqueiros, reunindo o gado. Norte do Brazil;	100
Vista do porto da Bahia;	206
Bahia – Praça Riachuelo;	212
Uma jangada;	219
Victoria – Porto de desembarque;	223
Pavilhão da Ilha Fiscal dependencia da Alfandega de Rio de Janeiro;	229
Panorama do Rio de Janeiro;	231
A Avenida Beira-Mar, em Botafogo, no Rio de Janeiro;	232
Rio de Janeiro – Avenida Beira-Mar;	235
Estação da Estrada de Ferro Central do Brazil, no Rio de Janeiro;	236
Rio de Janeiro – O novo cães;	237
Trecho da Avenida Central, na Capital do Brazil;	240
Chafariz da Carioca, no Largo da Carioca...	243

Avenida do Canal do Mangue, depois de reformada; hoje, Avenida Lauro Muller;	244
Palacio da Presidencia, em Bello Horizonte;	250
Mineração de Diamantes. ...	254
Mato-Grosso – Cuyabá;	258
A floresta virgem, com a sua riqueza de samambaias e lianas;	259
São Paulo – A colheita do café;	267
São Paulo – Estação da Luz;	271
Serra de Santos – Viaduto da Grotta Funda;	277
Uma grande serraria, para a exploração do pinho do Paraná. Ao fundo um grande pinheiral;	281
Florianopolis;	284
Pharol do porto de Maceió;	287
Palmeiras de côco da Bahia, na costa baixa do norte do Brazil;	289
Parahyba;	293
Carnaúbeiras; ...	294
Ancoradouro de canôas, em S. Luiz do Maranhão;	297
Seringueira do Amazonas, fazendo a colheita das tigelinhas em que se apanha o leite, de que se fará a borracha;	298
Em frente a um grande barracão no Amazonas – enorme quantidade de borracha, prompta para ser embarcada;	300
Barco pharol na barra do Amazonas;	303
Trecho do Jardim do Museo Goeldi, no Pará. No lago, as colassaes Victorias Regias, á sombra de belas palmeiras;	305
O porto de Manáos;	306
Rio Grande do Sul – Porto do Rio Grande;	309
Um Gaúcho;	314
Uma família de colonos, em Santa Catharina	316
Total	48

Fonte: Própria Aatoria, 2018

Com os dados apresentados, é possível perceber que as ilustrações presentes na edição 1931³⁷ representam as cidades com seus principais cartões portais ou cenas do cotidiano. Também é apresentado o Brasil em suas origens, desde as sociedades indígenas, corte de cana até a mineração de diamantes. Elas não foram pintadas, mas desenhadas com bico de pena. Foram impressas com alta qualidade de impressão e mantiveram os traços fidedignos de sua matriz original. Não apresentam um foco específico, desta forma, dando-nos a sensação que estão em movimento, como se estivéssemos vivendo aquela situação.³⁸ Além disto, as ilustrações ligam-se com o assunto que está sendo tratado naquele momento no texto. Não há referência sobre quem as tenha desenhado. Desta maneira, exemplificam e reforçam o que está escrito.

Comparado com outras edições, como a de 1958³⁹, que apresenta 47 ilustrações, ou a edição (1962)⁴⁰, que contém 20 ilustrações, há uma variação de imagens, o que também impacta na quantidade de páginas. Aquilo que escreve Peter Burke sobre a imagens cabe uma explicação aqui:

[...] a maioria foi feita para cumprir uma variedade de funções, religiosas, estéticas, políticas e assim diante. Elas, frequentemente, tiveram seu papel na construção cultural da sociedade. Por todas estas razões, as imagens são testemunhas dos arranjos sociais passados e acima de tudo das maneiras de ver e pensar do passado.⁴¹

Cada imagem, portanto, funciona como um testemunho de uma época, de um momento editorial específico, o que impacta no formato dos livros. Vejamos em termos de páginas, a edição de 1931⁴² possui 322 páginas. Já a publicação de 1958⁴³ contém 299 páginas e a de 1962⁴⁴ apresenta 257 páginas. Podemos inferir que elas não aconteceram ao caso uma vez que se ligam com o que estava acontecendo na

³⁷ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias, op. cit.*, 1931.

³⁸ Agradeço a Aníbal Bragança por chamar atenção para essa questão das ilustrações.

³⁹ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias, op. cit.*, 1958.

⁴⁰ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa), op. cit.*, 1962.

⁴¹ URKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 234.

⁴² BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias, op. cit.*, 1931.

⁴³ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias, op. cit.*, 1958.

⁴⁴ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa), op. cit.*, 1962.

sociedade e em seu tempo. Um bom exemplo disso é a própria editora Francisco Alves que tinha como prática reeditar os livros que faziam sucesso entre o público e vendê-los a um preço acessível.⁴⁵

Para se ter uma ideia, a diminuição no número de ilustrações da edição de 1958⁴⁶ para a publicação de 1962⁴⁷ foi feito para baratear o preço da obra. Isso ocorreu, pois nesse período outros livros já ganhavam o mercado editorial com preços melhores e uma forma de diminuir ainda mais o custo de *Através do Brasil* e garantir sua circulação foi realizar essas mudanças.⁴⁸ Assim, como afirma Roger Chartier:

Todo esse trabalho de adaptação – que diminui, simplifica, recorta e ilustra os textos – é comandado pela maneira através da qual os livreiros e impressores especializados nesse mercado representam as competências e expectativas de seus compradores. Assim, as próprias estruturas do livro são dirigidas pelo modo de leitura que os editores pensam ser o da clientela almejada.⁴⁹

Desta maneira, apesar de ocorrerem mudanças na “materialidade” em *Através do Brasil* o texto permanece o mesmo. Dito isto, é importante destacarmos sobre o livro, que a primeira edição da obra⁵⁰ teve:

[...] tiragem inicial de quatro mil exemplares e repetida três anos depois, em 1913, em uma segunda edição. Os mesmos documentos contábeis registram que o valor referente ao pagamento dos direitos autorais correspondia a 25% sobre o preço de capa do livro (valor este a ser repartido entre os autores).⁵¹

⁴⁵ Agradeço a Aníbal Bragança por chamar atenção para essas questões e compartilhá-las.

⁴⁶ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias, op. cit.*, 1958.

⁴⁷ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa), op. cit.*, 1962.

⁴⁸ Agradeço a Aníbal Bragança por chamar atenção para essas questões e compartilhá-las.

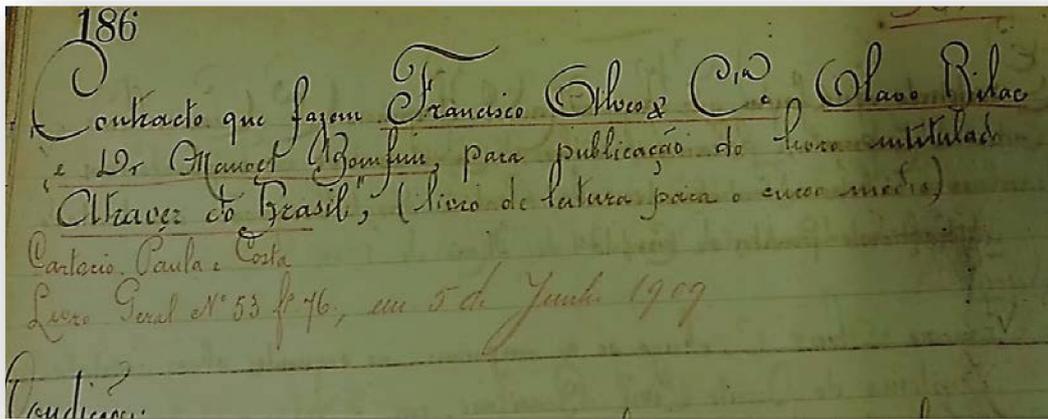
⁴⁹ CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary del Priore, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994, p. 20.

⁵⁰ Como afirma Marisa Lajolo e Regina Zilberman: “Aos olhos da ex-metrópole, a ex-colônia era vista como uma espécie de reserva de mercado para o livro português, o que levou os escritores locais mais ativos a desfaldar a bandeira, nem sempre acima de qualquer suspeita, da brasilidade do livro escolar, maneira eufêmica de promoverem seu próprio produto. Os compêndios portugueses ignoram a Independência de 22, bem como o ferrenho nacionalismo do século XIX, e continuam, impávidos, circulando pela escola brasileira. (...) O abasileiramento dos livros didáticos só se torna realidade no fim do século XIX, concomitantemente à nacionalização do livro para crianças. (...) Além de reivindicação ideológica de um país cioso de sua independência, o antilusitanismo figura também como item importante da agenda dos escritores nacionais na luta pelo mercado brasileiro, no qual, aparentemente, imperava material escolar português”. In: LAJOLO, Marisa Philbert; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1985, p. 183 – 184.

⁵¹ LAJOLO, Marisa Philbert. *Usos e abusos da literatura na escola*. Universidade de São Paulo, USP, Brasil, 1980. p. 18.

No Contrato de publicação, o documento mostra que Manoel Bomfim e Olavo Bilac o assinaram com a editora Francisco Alves no dia 5 de junho de 1909, como se pode observar na Figura 1:

Figura 1: Contrato de trabalho ampliado – Francisco Alves

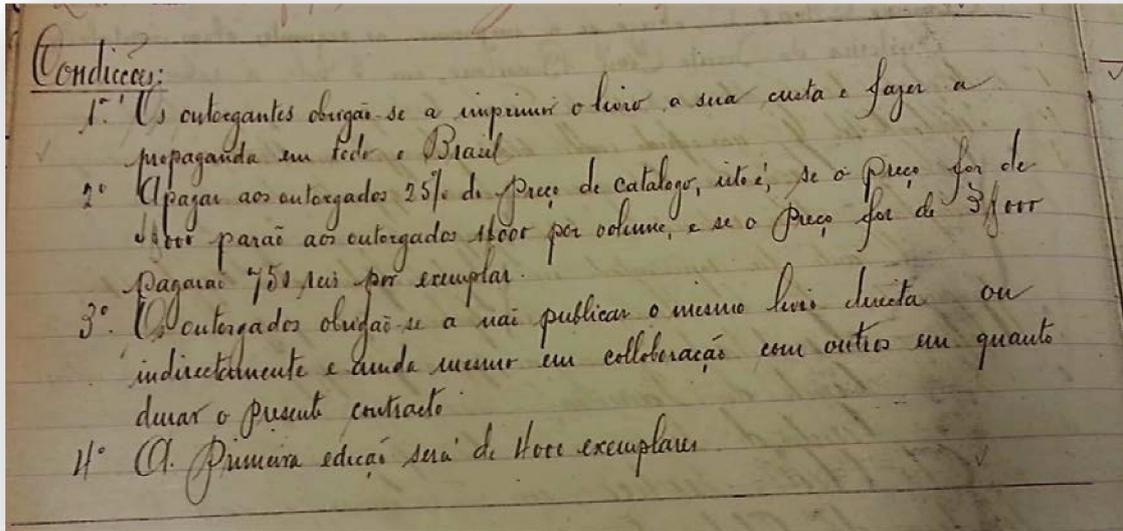


Fonte: Livro de Contrato de Trabalho da Francisco Alves.⁵²

Os autores deveriam imprimir o livro a suas próprias custas e fazer a propaganda em todo o Brasil. Além disso, era preciso pagar a editora o equivalente a 25% do preço de catálogo e não poderiam publicar diretamente ou indiretamente esse livro em colaboração com outros autores enquanto durasse o presente contrato de trabalho assinado.

⁵² Contrato de Trabalho da Editora Francisco Alves. Encontrava-se disponível na Universidade Federal Fluminense em Niterói. Pertence ao acervo do LIHED, sob os cuidados do professor Aníbal Bragança.

Figura 2: Contrato de Trabalho da Editora Francisco Alves.



Fonte: Livro de Contrato de Trabalho da Francisco Alves.⁵³

Partindo das figuras 2 e 3 acima, podemos perceber que trata-se de um rígido contrato editorial que fornece pouca autonomia para os autores, além do que é um contrato de exclusividade, demonstrando que a editora Francisco Alves era mais uma gráfica para o livro, do que propriamente uma editora, uma empresa com fins culturais-comerciais de ampla escala.

1.2 Francisco Alves

A livraria Francisco Alves foi estabelecida no dia 15 de agosto de 1854, no mesmo ano “[...] em que se inaugurava o telégrafo e a iluminação pública a gás, no Rio de Janeiro [...]. Estava então situada na Rua do Latoeiros (hoje Gonçalves Dias), 54, Centro do Rio de Janeiro [...]”.⁵⁴ Nesse mesmo ano, a publicação do decreto do

⁵³ Contrato de Trabalho da Editora Francisco Alves. Encontrava-se disponível na Universidade Federal Fluminense em Niterói. Pertence ao acervo do LIHED, sob os cuidados do professor Aníbal Bragança.

⁵⁴ BRAGANÇA, Aníbal. “A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução”. In: MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)* / Edmundo Moniz; notas bibliográficas por Oswaldo Melo Braga. Introdução por Aníbal Bragança – 2. ed. – Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. VII-VIII (Coleção Afrânio Peixoto, 88). Disponível em:

Ministro do Império Luiz Pedreira do Couto Ferraz reformou a instrução primária e secundária, com medidas, dentre as quais fazia parte o anúncio que “o material escolar seria fornecido pelo Estado”⁵⁵, contudo, segundo Maria de Lourdes Mariotto Haidar:

Ainda que isso nunca tenha efetivamente sido levado a cabo de forma plena, foi o início de uma parceria entre o poder público e as editoras privadas de livros escolares, até hoje fundamental para o desenvolvimento do setor. A partir dessa reforma, a iniciativa particular no campo do ensino primário e secundário passou a ser controlada pelos poderes públicos.⁵⁶

Nesse sentido, “a expansão do ensino se acentuou nessa década e, em 1857, o Brasil já possuía 2595 escolas públicas primárias, com 70.000 alunos”.⁵⁷ O fundador da livraria Francisco Alves foi Nicolau Antônio Alves natural de Cabeceiras de Bastos, que emigrou com 12 anos incompletos em 1839. Francisco Alves de Oliveira, sobrinho de Antônio nasceu em 2 de agosto de 1848 e chegou ao Rio de Janeiro no primeiro mês do ano de 1863, com 14 anos. Segundo Joaquim da Costa Leite:

Tio e sobrinho faziam parte de um processo de emigração que levou milhares de portugueses jovens alfabetizados dessa província do norte de Portugal a partirem para o Brasil, sem a família, com o objetivo de fazer carreira por seu próprio esforço, numa economia de maior dimensão e onde sabiam existir muito mais oportunidades para trabalhar por conta própria ou para exercer uma vocação empresarial.⁵⁸

Francisco Alves foi trabalhar na livraria e paralelamente prosseguiu com os estudos que havia iniciado em Portugal no Colégio Vitório, o qual ficava situado na mesma rua da livraria do tio, no nº 469 e não há notícia de que ele tenha conseguido bacharelar-se⁵⁹. Em 1907, fez uma sociedade com Júlio Monteiro Aillaud “para

<http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/francisco_alves_de_oliveira_-_edmundomoniz_-_para_internet.pdf> Acesso em: 02/03/2018.

⁵⁵ PEIXOTO, Afrânio *apud* BRAGANÇA, Aníbal. “A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução”. In: MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)*, op. cit., p. VIII.

⁵⁶ HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto *apud* BRAGANÇA, Aníbal. “A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução”. In: MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)*, op. cit., p. VIII.

⁵⁷ PEIXOTO, Afrânio *apud* BRAGANÇA, Aníbal. “A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução”. In: MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)*, op. cit., p. VIII.

⁵⁸ LEITE, Joaquim da Costa *apud* BRAGANÇA, Aníbal. “A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução”. In: MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)*, op. cit., p. IX.

⁵⁹ Conferir BRAGANÇA, Aníbal. “A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução”. In: MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)*, op. cit., p. X.

participar do controle da tradicional editora, livraria e tipografia francesa, Aillaud, de Paris [...]”.⁶⁰ Como afirma Aníbal Bragança:

Foi dessa maneira que Francisco Alves se tornou o primeiro editor brasileiro a incorporar a seus negócios, com sede no Rio de Janeiro, livrarias editoras da França e Portugal, invertendo o percurso dos seus contemporâneos europeus, como os Garnier.⁶¹

Garnier e Laemmert advieram ao Brasil “como profissionais, formados em seus países de origem representando interesses de livreiros e editores estrangeiros [...]”.⁶² Suas empresas no Brasil eram subordinadas ou satélites das suas matrizes, em maior ou menor grau. Já a Francisco Alves “nunca foi filiada à empresas estrangeiras, nem representante de interesses que não fosse do próprio país”.⁶³ Dessa maneira:

O crescimento empresarial de Francisco Alves levou-o, isto sim, a comprar livrarias e editoras no Rio de Janeiro, em São Paulo e no exterior. [...] No Brasil, detinha nas primeiras décadas deste século, parcela considerável de todo o comércio livreiro. Com muito zelo e cuidados, administrava todos os seus interesses do seu escritório de sua matriz no Rio de Janeiro [...].⁶⁴

Francisco Alves foi “um editor brasileiro que, de forma pioneira e, até hoje, incomum, teve empresas afiliadas no estrangeiro [...]”.⁶⁵ A editora não se restringiu à edição escolar. Continha um extenso e variado catálogo de livros técnicos e jurídicos. Publicou também edições de autores contemporâneos como Raul Pompeia, Euclides da Cunha e Olavo Bilac, e de estrangeiros, como Carlos Malheiro Dias e Edmond de Amicis. Como exemplo, trazemos alguns contratos de trabalho feitos pela editora Francisco Alves:

⁶⁰ BRAGANÇA, Aníbal. “A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução”. In: MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)*, op. cit., p. XV.

⁶¹ BRAGANÇA, Aníbal. “A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução”. In: MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)*, op. cit., p. XVI.

⁶² BRAGANÇA, Aníbal. “A Política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2000, p. 452.

⁶³ BRAGANÇA, Aníbal. “A Política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*, op. cit., p. 453.

⁶⁴ BRAGANÇA, Aníbal. “A Política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*, op. cit., p. 453.

⁶⁵ BRAGANÇA, Aníbal. “A Política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*, op. cit., p. 454.

Figura 3: Quadro sintético dos Direitos do Autor.

BILAC, Olavo e PASSOS, Guimarães. <i>Tratado de Versificação.</i> CVD. 02.06.1905.	TRC: nec DAP: R\$ 2:000\$000	PRE: nec FPA: aac
BILAC, Olavo e BOMFIM, Manoel. <i>Através do Brasil.</i> CDP. 05.06.1909.	TRC: 4000 DAP: 25% spc	PRE: nec FPA: nec
BORGES, João Carlos da Silva e CARDIM, Carlos Alberto Gomes. <i>Elementos de Álgebra.</i> CDP. 26.11.1911.	TRR: 2000 DAP: plu	PRE: R\$ 5\$000 FPA: S
CARVALHO, Felisberto de. <i>Tratado de Metodologia.</i> CDP. 08.10.1887.	TRC: 2000 (1ª ed.) DAP: plu	PRE: R\$ 2\$000 FPA: S (R\$ 200\$000 adr)
CARVALHO, Felisberto de. <i>Arithmética das Escolas Primárias.</i> CDP. 23.02.1888.	TRC: 2000 (1ª ed.) DAP: plu	PRE: R\$ 500\$ FPA: S (R\$ 200\$000 adr)
CARVALHO, Felisberto de. <i>5º Livro de Leitura.</i> ³⁶ CVD. 04.10.1894. ³⁷	TRC: nec DAP: R\$ 2:500\$000 ³⁸	PRE: nec FPA: aaa
CELSO, Alfonso. <i>O Imperador no Exílio.</i> CDP. 11.02.1911.	TRC: tmd DAP: 20% spc	PRE: nec FPA: mev
FREIRE, Felisbela. <i>História do Brasil.</i> CDP. 15.06.1895.	TRR: tmd (3000, 1ª) DAP: 20% spc	PRE: R\$ 2\$000 FPA: msa
GALHARDO, Thomaz. <i>Cartilha da Infância.</i> CDP. 03.04.1894.	TRC: tmd DAP: 10% spc	PRE: R\$ 500\$ FPA: mnr ³⁹

Fonte: Ilustração de um quadro extraído do artigo escrito por Aníbal Bragança.⁶⁶

⁶⁶ BRAGANÇA, Aníbal. "A Política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil". In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura, op. cit.*, p. 464.

Com os dados apresentados, é possível perceber que dentre os contratos listados, a obra *Através do Brasil* aparece citada. É interessante notar que o preço de capa do exemplar e a forma de pagamento dos direitos ao autor, não foram estabelecidos nesse contrato. Segundo Aníbal Bragança, dentre as características gerais dos contratos feitos pela Francisco Alves⁶⁷, o gênero escolar prevaleceu com 58%. A maior parte dos contratos estabelecidos ocorreu entre 1908 a 1911 (40%) e com autores brasileiros (100%).

Assim, “a forma de ‘parceria’ nos lucros foi a preferida por Francisco Alves. [...] Principalmente, quando, como era a prática de Francisco Alves, não se incluíam as despesas de propaganda nem de administração”.⁶⁸ Quando havia algum prejuízo na publicação, era bancado exclusivamente pelo editor. O contrato era feito:

Com base nos direitos sobre o preço de capa, Francisco Alves pagava sempre antecipadamente, por milheiro colocado à venda. O mesmo ocorria com a compra da propriedade plena, que era paga no ato da assinatura do contrato ou, no máximo, terminava-se de pagar quando o autor revia as provas tipográficas. Mas sempre antes de colocar o livro à venda.⁶⁹

Francisco Alves “remunerava dignamente os seus autores e tradutores [...]. Tal política, reconhecida por todos que, com Francisco Alves negociaram, é expressão do processo social de profissionalização do escritor e do editor”.⁷⁰ Assim sendo, os autores mais beneficiados foram os de obras didáticas e paradidáticas, sendo que segundo Aníbal Bragança: “a relação de Francisco Alves com os autores, tanto de livros escolares, quanto os demais, era correta e digna. Os contratos, além de demonstrarem respeito pelos autores, eram cumpridos fielmente [...]”.⁷¹ Isso, aliado à competência, trabalho e dedicação do editor, “fez da Livraria Francisco Alves a

⁶⁷ Dados tirados da tabela “Características dos contratos do editor Francisco Alves com seus autores: Estudo de 35 casos (1884/1916)” extraído do artigo de BRAGANÇA, Aníbal. “A Política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura, op. cit.*, p. 467.

⁶⁸ BRAGANÇA, Aníbal. “A Política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura, op. cit.*, p. 469.

⁶⁹ BRAGANÇA, Aníbal. “A Política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura, op. cit.*, p. 469.

⁷⁰ BRAGANÇA, Aníbal. “A Política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura, op. cit.*, p. 471.

⁷¹ BRAGANÇA, Aníbal. “A Política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura, op. cit.*, p. 471.

primeira grande editora *brasileira*”,⁷² sendo que uma de suas missões era as edições de caráter escolar, como podemos reconhecer em *Através do Brasil*.

1.3 *Através do Brasil* e o sentido de educação

Mas como *Através do Brasil* constrói um sentido de educação? A resposta está na nota introdutória do livro, intitulada “Advertência e Explicação”:

[...] Estamos certos que a criança, com a sua simples leitura, já lucrara alguma coisa: aprenderá a conhecer um pouco o Brasil; terá uma visão, **(1)** a um tempo geral e concreta, da vida brasileira – as suas gentes, os seus costumes, as suas paisagens, os seus aspectos distintivos. E por isso escolhemos como cenário principal as terras do São Francisco - o grande rio, essencialmente, unicamente brasileiro. E também quisemos que este livro seja uma grande lição de energia, em grandes **(2)** lances de afeto. *Suscitar a coragem, harmonizar os esforços, e cultivar a bondade – eis a fórmula da educação humana.* Os heróis principais destas **(3)** simples aventuras, não os apresentamos, está claro, para que sejam imitados em tudo, mas para que sejam amados e admirados no que representam de generoso e nobre os estímulos que os impeliram, nos diversos transe por que passaram. Não se pode influir eficazmente sobre **(2)** o espírito da criança e captar-lhe a atenção, sem lhe falar ao sentimento. Foi por isso que demos ao nosso livro um caráter episódico, um tom dramático – para despertar o interesse do aluno e conquistar-lhe o coração. **(4)** *A Vida é ação, é movimento, é drama.* Não deveríamos apresentar o Brasil aos nossos pequenos leitores mostrando-lhes aspectos imotos, apagados, mortos.⁷³

Tentando explicar a nota introdutória, poderíamos dividi-la em três partes. A primeira, diz respeito a geografia literária presente em *Através do Brasil* no qual serve de alicerce a forma narrativa; a fronteira interna que liga e desliga ao mesmo tempo o itinerário feito por Carlos e Alfredo. Podemos inferir que na obra a fronteira interna seja o estado do Pernambuco. Ao saberem da enfermidade de seu pai (o engenheiro Meneses), os irmãos saem à sua procura em uma viagem pelo Brasil, que começa no Recife e termina no estado do Rio Grande Sul. Desta maneira, se o pai não estivesse ausente da história a trajetória feita pelos meninos não aconteceria e não se estruturaria ao mesmo tempo, pois é justamente esse trajeto - seja por cidades, estados e diversidades de paisagens - que estrutura a narrativa em *Através do Brasil*.

⁷² BRAGANÇA, Aníbal. “A Política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil”. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*, op. cit., p. 471 – grifo do autor.

⁷³ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil: Leitura para o curso médio das escolas primárias*, op. cit., p. 45-47 – grifos meus.

A segunda parte refere-se às aventuras vividas pelos meninos. Foram contadas para serem amadas e admiradas pelos leitores que lessem *Através do Brasil*. E a terceira parte diz respeito à ação presente na obra, uma vez que o Brasil não é apresentado ao leitor com “[...] aspectos imotos, apagados, mortos”⁷⁴ e sim com movimento, drama.

Nesse sentido, podemos inferir que a grande contribuição de *Através do Brasil*, conforme afirma Terezinha Alves de Oliva e Claudefranklin Monteiro Santos é:

[...] a propagação por meio de uma obra didática, de um nacionalismo mais racional e reflexivo, capaz de encantar-se com as belezas naturais do país e com as grandezas do seu povo, mas capaz de ir além, levando o sujeito aprendiz a perceber a própria importância individual, enquanto cidadão, para a composição da nação.⁷⁵

Dessa maneira, “[...] esse fenômeno, que começou a ser mais sistematicamente desenvolvido entre nós a partir da República, nasceu na Europa, onde apareceram várias obras que, [...], inspiraram autores brasileiros”.⁷⁶ É o caso do livro *Cuore* (1894) de Edmondo de Amicis⁷⁷ e o livro *Le Tour de La France par Deux Enfants* (1877), “[...] de G. Bruno, pseudônimo de Augustine Fouillée, escritora francesa, esposa do filósofo Alfred Fouillée”.⁷⁸

Cuore (1894) narra a história de Enrico “que, em forma de diário, vai escrevendo suas impressões sobre a vida e os fatos vividos no ambiente escolar”.⁷⁹ Na obra são tratados princípios e valores morais, como a amizade, a solidariedade, o respeito às tradições, o heroísmo e o perdão. Como afirma Terezinha Alves de Oliva e Claudefranklin Monteiro Santos:

O livro destaca três elementos como imprescindíveis para a concretização do processo educativo: o professor, o ato de estudar e a escola. A ênfase na importância do professor é flagrante na narrativa. Ele é mostrado, principalmente, como companheiro e disciplinador dos alunos. O estudo é destacado como ferramenta indispensável para a superação do estágio de brutalidade inicial do homem; é também visto como estratégia para retirar a

⁷⁴ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias, op. cit.*, p. VIII.

⁷⁵ OLIVA, Terezinha Alves de; SANTOS, Claudefranklin Monteiro. *As multifaces de “Através do Brasil”, op. cit.*, p. 119.

⁷⁶ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira História e Histórias*. 6. ed. São Paulo, SP: Ática, 1999, p. 31.

⁷⁷ DE AMICIS, Edmondo. *Cuore*. Ed. integrale. Roma (Itália): Newton, 1994.

⁷⁸ OLIVA, Terezinha Alves de; SANTOS, Claudefranklin Monteiro. *As multifaces de “Através do Brasil”, op. cit.*, p. 105.

⁷⁹ OLIVA, Terezinha Alves de; SANTOS, Claudefranklin Monteiro. *As multifaces de “Através do Brasil”, op. cit.*, p. 105.

criança da pobreza e da vadiagem, além de ser encarado como uma atividade quase que militar.⁸⁰

Por sua vez, no livro *Le Tour de La France par Deux Enfants* (Viagem ao redor da França por duas crianças de 1877) no contexto posterior à derrota sofrida pela França na Guerra Franco-Prussiana (1871), os órfãos André e Julien Volden, o primeiro de 14 anos e o segundo de 7 anos, vivendo em Phalsbourg (fica nas proximidades da Alsácia e da Lorena) partem em busca do tio Frantz, que vivia em Marselha. Os dois irmãos queriam ajuda para adquirir a nacionalidade francesa. Segundo Terezinha Alves de Oliva e Claudefranklin Monteiro Santos:

É o pretexto para uma viagem que, como o título indica, será uma excursão pela França, passando por Epinal, Besançon, Lyon, Clermont-Ferrand, Marselha, Toulouse, Bordéus, Dunkerque, Lille, Reims e Paris. Usando cavalos, barco e trem, os dois heróis descobrem as paisagens e as atividades das regiões francesas, a história das grandes figuras do país e as qualidades de sua gente, exaltando o orgulho nacional na diversidade das províncias. Eles fazem da viagem um treinamento de coragem e de perseverança, cultivam e fortalecem as virtudes nacionais, o senso do dever e o do amor à pátria.⁸¹

Assim, “no Brasil [...] quando a noção de pátria e o estímulo ao patriotismo faziam parte da campanha pela modernização social, *Le tour de la France par deux garçons* e *Cuore* se erigiam em exemplos”.⁸² Vale ressaltar também que esses dois livros teriam inspirado a produção da obra *Através do Brasil* “[...] que, escrito por Olavo Bilac e Manuel Bonfim, constituiu-se na leitura apaixonada e obrigatória de muitas gerações de brasileiros”.⁸³

Através do Brasil, segundo afirma Marisa Lajolo e Regina Zilberman:

[...] narra, em terceira pessoa, a viagem feita pelos protagonistas [...] em busca do pai enfermo. Depois que este é dado por morto, a viagem prossegue na procura dos parentes que restam às crianças. Cruzando o Brasil de norte a sul, os irmãos percorrem as diferentes paisagens físicas e econômicas da

⁸⁰ OLIVA, Terezinha Alves de; SANTOS, Claudefranklin Monteiro. *As multifaces de “Através do Brasil”*, *op. cit.*, p. 106.

⁸¹ OLIVA, Terezinha Alves de; SANTOS, Claudefranklin Monteiro. *As multifaces de “Através do Brasil”*, *op. cit.*, p. 107.

⁸² LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira História e Histórias*, *op. cit.*, p. 32 – *grifos das autoras*.

⁸³ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira História e Histórias*, *op. cit.*, p. 32.

terra, interagindo com as diferentes populações e vivenciando os diferentes costumes, desde o Nordeste até os pampas sulinos.⁸⁴

Dessa maneira, “com essa estrutura, torna-se extremamente fácil inserir no livro (e mesmo na narrativa) as lições de geografia, agricultura, história, higiene, [...]”.⁸⁵

Esse recurso:

[...] tem a função de atenuar a aridez dos conteúdos propriamente didáticos pela sua imersão nas aventuras vividas pelas duas crianças, com as quais se espera que os leitores se identifiquem. Mas a grande lição do livro é a do civismo, do patriotismo, da brasilidade, sugerida e sublinhada pela alusão a episódios e heróis brasileiros e pela exaltação da natureza.⁸⁶

No final da obra, pátria e família entrelaçam-se. É oferecido também, em apêndice um vocabulário no qual os leitores deparam-se com “a significação de alguns termos empregados, dos menos familiares às crianças”.⁸⁷ Assim, segundo Lajolo e Zilberman: “a unidade nacional e a unidade narrativa se sugerem e se reforçam mutuamente e encontram no motivo da viagem a estrutura perfeita para um livro que se quer ao mesmo tempo enciclopédico e envolvente”.⁸⁸

Diante disso, e fazendo um novo paralelo com a obra italiana e a francesa mencionadas, lemos, segundo as sínteses de Terezinha Alves de Oliveira e Claudefranklin Monteiro Santos, que:

No fundo, representaram paradigmas para a confecção dos livros de leitura das primeiras décadas do século XX no Brasil. Basicamente predominou neles e, necessariamente, em *Através do Brasil*, a estrutura do *romance de formação*, caracterizado geralmente pela narração da aprendizagem de um (ou uma) protagonista.⁸⁹

André Botelho também concorda com esse caráter de “romance de formação”:

⁸⁴ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira História e Histórias*, op. cit., p. 33.

⁸⁵ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira História e Histórias*, op. cit., p. 33.

⁸⁶ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira História e Histórias*, op. cit., p. 33.

⁸⁷ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN APUD BILAC, Olavo; BONFIM, Manuel. *Literatura Infantil Brasileira História e Histórias*, op. cit., p. 33.

⁸⁸ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira História e Histórias*, op. cit., pp. 33-34.

⁸⁹ OLIVA, Terezinha Alves de; SANTOS, Claudefranklin Monteiro. *As multifaces de “Através do Brasil”*, op. cit., p. 107 – grifo meu.

A organização social que emerge das páginas de *Através do Brasil*, como desdobramento verossímil da ordem social circunjacente, ou sua tentativa, com efeito, está marcada por uma determinada atuação das "Luzes" sobre a "realidade" brasileira que fundamenta e coordena, no plano narrativo, as relações das personagens entre si e da sua interação com o meio. Daí, procurarmos aproximar em termos de afinidades de idéias, e não propriamente de influência literária, este "livro de leitura" brasileiro de uma modalidade narrativa particular designada na Alemanha por "*Bildungsroman*" e que, entre nós, tem sido traduzida por "romance de formação".⁹⁰

A "formação" da personagem, segundo afirma Botelho, se desenvolve na "medida em que aumentam sobre ela a influência educativa exercida por outras personagens geralmente mais 'experientes' que encontra no seu percurso, [...] sua própria experiência de 'interação' com o meio no qual ele se realiza".⁹¹

Com efeito, *Através do Brasil* apresenta no desenvolver de sua narração "o ideal comum de 'educação' como caminho adequado para uma evolução histórica da sociedade para uma realidade material e ética mais elevada".⁹²

Em outras palavras, o livro em questão:

[...] pode ser considerado como um momento de textualização do processo de "transição" do seu universo de gestação estética, no esforço de subjugação de "tendências românticas" em razão de uma representação literária de veio "realista" e social, o processo de "transição" da sociedade brasileira balizado pela Abolição e pela República. E, portanto, fundamentalmente na representação da idéia de "ação educativa" como princípio de composição narrativa, a partir da qual se delineia uma concepção dinâmica do social fundada no ideal ilustrado de educação dos indivíduos como imperativo das relações sociais e da reforma da própria sociedade, que as "afinidades eletivas" de *Através do Brasil* com o "*Buldungsroman*" se mostram mais fecundas para a análise.⁹³

O enredo narrativo em *Através do Brasil* "organiza-se em torno do 'ideal ilustrado' de aprendizado por meio do contato direto do sujeito em formação com a realidade objetiva circunjacente".⁹⁴ Dessa maneira, a viagem feita por Carlos e Alfredo por diferentes estados brasileiros do Nordeste ao Sul do Brasil, segundo Botelho,

⁹⁰ BOTELHO, André. *Através do Brasil: "Um romance de formação" da modernidade brasileira*. Revista *Ci. & Tróp.*, Recife, v. 26, nº 1, jan./jun., 1998, p. 24 – *grifos do autor*. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/668/439>> Acesso em: 04/03/2018.

⁹¹ BOTELHO, André. *Através do Brasil: "Um romance de formação" da modernidade brasileira*, op. cit., p. 24.

⁹² BOTELHO, André. *Através do Brasil: "Um romance de formação" da modernidade brasileira*, op. cit., p. 26.

⁹³ BOTELHO, André. *Através do Brasil: "Um romance de formação" da modernidade brasileira*, op. cit., p. 26 – *grifos do autor*.

⁹⁴ BOTELHO, André. *Através do Brasil: "Um romance de formação" da modernidade brasileira*, op. cit., p. 27.

constituiu não apenas uma “locomoção espacial”, mas no decorrer da narrativa “revela-se fundamentalmente como uma ‘jornada educativa’ que se desenrola nos diversos contextos que compõem a ‘realidade concreta’ do país”.⁹⁵

E é justamente a própria busca do pai, segundo afirma André Botelho, ausente da narrativa que constitui a sequência da ação do romance. Isso ocorre por meio de:

Informações imprecisas sobre o paradeiro do pai, o próprio deslocamento deste e toda sorte de dificuldades no deslocamento dos meninos (o percurso é feito em trens, em lombos de burros, em canoas, em barcos a vapor e, principalmente, a pé) e de acontecimentos imprevistos fazem desta viagem um tipo de “epopeia” pelos interiores do país.⁹⁶

Assim, a formação de Carlos e Alfredo “desenvolve-se na medida em que se aumentam sobre eles a influência educativa exercida por outras personagens e, sobretudo, pela experiência própria e direta de cada um com o meio social”.⁹⁷ Dessa maneira, fazendo suas personagens percorrerem “[...] algumas das diferentes ‘paisagens’ constitutivas de um ‘território da nacionalidade’”,⁹⁸ Manoel Bomfim e Olavo Bilac reforçam o próprio compromisso intelectual estabelecido entre literatura e a ideia de nação. Uma visada sobre a biografia dos autores, ajuda-nos a compreender ainda mais esse caráter formador de suas obras.

1.4 Manoel Bomfim e Olavo Bilac: autores de *Através do Brasil*

Manoel Bomfim nasceu em Aracajú na província de Sergipe no dia 8 de agosto de 1868. Formado em Medicina, segundo afirma Lucia Lippi Oliveira: “[...] fazia parte do grupo geracional que à época rejeitava os cânones de uma tradição e adotava princípios considerados científicos para entender e corrigir o país”.⁹⁹

⁹⁵ BOTELHO, André. *Através do Brasil: “Um romance de formação” da modernidade brasileira*, op. cit., p. 27.

⁹⁶ BOTELHO, André. *Através do Brasil: “Um romance de formação” da modernidade brasileira*, op. cit., p. 28.

⁹⁷ BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil: a nação em busca dos seus portadores sociais*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 105.

⁹⁸ BOTELHO, André. *Através do Brasil: “Um romance de formação” da modernidade brasileira*, op. cit., p. 29.

⁹⁹ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Manuel Bomfim: autor esquecido ou fora do tempo?*, *Revista Sociologia&antropologia*, Rio de Janeiro, v.05.03, Dezembro, 2015, p. 774. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sant/v5n3/2236-7527-sant-05-03-0771.pdf>> Acesso em: 04/03/2018.

Nesse sentido, “engenheiros, médicos e educadores compõem as principais categorias, de uma nova elite que examinou os males do Brasil na virada do século XIX para o XX e produziu seus diagnósticos”.¹⁰⁰ Entre eles, o discurso médico “[...] ao propor “higienizar e educar” como caminhos para tirar o país do atraso”,¹⁰¹ ganhou grande destaque.

A instrução popular, portanto, passa a ser o caminho para solucionar tal impasse: “entre a hereditariedade que determina inferioridade inabaláveis segundo as leis da natureza e a educação capaz de alterar tais leis. Bonfim fica com a educação”.¹⁰² Segundo Lippi Oliveira, a educação será a alavanca da mudança social. A educação não é entendida apenas como aprendizado na escola, mas “como a redenção do atraso, como viabilização da modernidade valoriza a escola primária, a instrução como indutora de virtudes públicas”.¹⁰³

Nesse seguimento, após a publicação de seu primeiro livro – *A América Latina: males de origem* (1905) -, Bomfim escreveu também livros de pedagogia, de psicologia e atuou em instituições voltadas ao ensino, fazendo parte conforme afirma Oliveira, da “linhagem de autores, que se dedicou a produzir textos para as crianças, transmitindo lições de português, história e de geografia, mas, [...] valores fundamentais de amor à nação brasileira”.¹⁰⁴

Assim, como afirma André Botelho:

A dedicação de Manoel Bomfim a esse gênero narrativo foi certamente suscitada por suas múltiplas experiências relacionadas à educação na antiga capital federal, seja como professor da Escola Normal, posteriormente Instituto de Educação do Rio de Janeiro; seja como diretor do Pedagogium, instituição criada em 1890 com o objetivo de centralizar as propostas pedagógicas para as reformas do ensino público; seja como diretor da Instrução Pública do Rio de Janeiro, cargo que ocupou de 1898 a 1900, tendo procurado em sua gestão aumentar o número de vagas nas escolas públicas, criar escolas profissionais e técnicas, além de periódicos voltados para a reflexão e difusão do conhecimento pedagógico no país, como *Educação e Ensino*.¹⁰⁵

¹⁰⁰ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Manuel Bonfim: autor esquecido ou fora do tempo?*, op. cit., p. 774.

¹⁰¹ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Manuel Bonfim: autor esquecido ou fora do tempo?*, op. cit., p. 774.

¹⁰² OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Manuel Bonfim: autor esquecido ou fora do tempo?*, op. cit., p. 779.

¹⁰³ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Manuel Bonfim: autor esquecido ou fora do tempo?*, op. cit., p. 782.

¹⁰⁴ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Manuel Bonfim: autor esquecido ou fora do tempo?*, op. cit., p. 782.

¹⁰⁵ BOTELHO, André. “Manoel Bonfim: um percurso da cidadania no Brasil”. In: *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. Organização de André Botelho, Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009, p. 122 – grifos do autor.

Entre 1899 e 1901, publicou as suas duas primeiras obras, sendo o primeiro *Livro de Composição* e o segundo *Livro de Leitura*. Entre os anos de 1915 e 1920, escreveu várias obras dirigidas à escola, tais como: *Noções de Psicologia* (1917) e *Livros dos Mestres* (1920). É importante ressaltar também, que Manoel Bomfim “esteve ligado à fundação e à direção da revista *O Tico-Tico*, criada pelo empresário e deputado mineiro Luiz Bartolomeu de Souza Silva (1866-1932)”.¹⁰⁶ Assim, como afirma Lucia Lippi Oliveira:

Revistas como *O Malho* e *O Tico-Tico*, o *Almanaque d'O Malho* e o *Almanaque Brasileiro Garnier*, entre outras, tiveram papel fundamental no sentido de ensinar princípios de civilidade e de cidadania para uma população que se queria moderna e civilizada. Esses foram, na ausência de um sistema escolar abrangente, por assim dizer, instrumentos de uma cultura de massa na Primeira República.¹⁰⁷

Além de ter dirigido a revista *O Tico-Tico*, Manoel Bomfim acabou exercendo diversos cargos públicos de caráter educacional no Rio de Janeiro, seja no Conselho Superior de Instrução Pública, seja como um dos relatores do concurso para a escolha do livro de história da América voltado às escolas de formação de professores.¹⁰⁸

Já, Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro em 16 de janeiro de 1885, tempo conhecido como *Belle Époque* brasileira.¹⁰⁹ De 1894 a 1908, segundo Alvaro Santos Simões Junior, conquistou “uma posição de destaque na sociedade carioca trabalhando intensamente na imprensa, [...] publicando vários livros e desempenhando as mais variadas atividades profissionais”.¹¹⁰

Nesse período, segundo nos conta Simões Júnior, Bilac colaborou no vespertino *A notícia* e no matutino *Gazeta de Notícias*; dirigiu as revistas ilustradas *A Bruxa* e *A Cigarra*; foi cronista da revista *Kosmos* e do jornal ilustrado diário *O Mercúrio*; correspondente dos jornais paulistanos *O Estado de S. Paulo* e *Correio Paulistano*, nos quais enviava o seu “Diário do Rio”; participava, esporadicamente, do

¹⁰⁶ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Manuel Bomfim: autor esquecido ou fora do tempo?*, op. cit., p. 784 – grifos da autora.

¹⁰⁷ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Manuel Bomfim: autor esquecido ou fora do tempo?*, op. cit., p. 785 – grifos da autora.

¹⁰⁸ Cf. OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Manuel Bomfim: autor esquecido ou fora do tempo?*, op. cit., p. 785

¹⁰⁹ Cf. ABECASSIS, Ruth Fonseca; NASCIMENTO, Dilce Pio; SANTOS, Francisco Bezerra dos. *Aspectos românticos e eróticos nas entrelinhas de Olavo Bilac*. Abralic XIV Congresso Internacional Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias. Anais Eletrônicos, p. 1 – grifos dos autores. Disponível em: <www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456150797.pdf> Acesso em: 23/08/2017.

¹¹⁰ SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac, publicada em periódicos de 1894-1904*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2007, p. 56.

matutino *O País*, no vespertino *Cidade do Rio* e na revista ilustrada *Renascença*, entre outros periódicos.¹¹¹

No dia 9 de outubro de 1915, Bilac deu início “à campanha pelo serviço militar obrigatório, à qual iria dedicar seus últimos anos de vida, com um discurso inflamado na Faculdade de Direito de São Paulo”.¹¹² Como afirma Alvaro Santos Simões Junior:

Trata-se de uma pregação pelo cumprimento de lei, aprovada em 1907, que instituía o sorteio militar, e pela obrigatoriedade do alistamento, que até então se baseava em uma espécie de “voluntariado coercitivo”. Foi mais uma manifestação de seu engajamento político, embora menos apreciada atualmente, por ser confundida com militarismo puro e simples. Naquele momento histórico, marcado por um conflito de proporções mundiais, o poeta preocupava-se com a segurança do país, que se via ameaçado pelo imperialismo das grandes potências. Como antídoto para o nacionalismo europeu, prescrevia o nacionalismo brasileiro.¹¹³

Mais do que a garantia da capacidade de defesa, Bilac: “via no serviço militar obrigatório um poderoso instrumento para erradicação de algumas mazelas do país: o analfabetismo, a fala de higiene e saneamento nas cidades [...]”.¹¹⁴ Nas palavras do próprio autor:

Que é o serviço militar generalizado? É o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo. É a instrução primária obrigatória; é a educação cívica obrigatória; é o asseio obrigatório, a higiene obrigatória, a regeneração muscular e física obrigatória. As cidades estão cheias de ociosos descalços, maltrapilhos, inimigos da carta de ABC e do banho, - animais brutos, que de homens têm apenas a aparência e a maldade. Para esses rebotalhos da sociedade a caserna seria a salvação.¹¹⁵

Bilac, conforme afirma Claudefranklin Monteiro Santos: “via na leitura a possibilidade da prática da liberdade [...] Insistia, por isso, na obrigatoriedade do ensino público, [...] o único eficiente para superar o gritante analfabetismo”.¹¹⁶ Dessa maneira:

O analfabetismo preocupava o cronista porque colocava a maioria dos cidadãos fora do alcance da ação orientadora e controladora da imprensa e

¹¹¹ Conferir SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac, publicada em periódicos de 1894-1904, op. cit.*, p. 56.

¹¹² SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac, publicada em periódicos de 1894-1904, op. cit.*, p. 67.

¹¹³ SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac, publicada em periódicos de 1894-1904, op. cit.*, p. 67.

¹¹⁴ SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac, publicada em periódicos de 1894-1904, op. cit.*, p. 69.

¹¹⁵ BILAC, Olavo. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 12 novembro de 1908, p. 2.

¹¹⁶ SANTOS, Claudefranklin Monteiro. *Através do Brasil: uma trajetória centenária, op. cit.*, p. 79

sob o domínio do obscurantismo e do extremismo político. O poeta tentava demonstrar ao poder público que o ensino primário generalizado interessava muito mais ao Estado do que ao cidadão particular.¹¹⁷

Assim, “foi um intelectual empenhado das primeiras décadas da República Velha, [...] aproximou-se do poder público, colocando seu talento à disposição do Estado”.¹¹⁸ Além disso, foi “precursor do Parnasianismo no Brasil junto com Alberto de Oliveira e Raimundo Corrêa compunha a tríade parnasiana, [...]”.¹¹⁹ O parnasianismo, como afirma Ruth Fonseca Abecassis, Dilce Pio Nascimento e Francisco Bezerra dos Santos:

Escola literária que nasceu na França por volta do ano 1850. Tinha como principais características o Positivismo e Cientificismo da época, o que estava em aversão ao pensamento do Romantismo – movimento literário anterior ao Parnasianismo. Quanto aos temas, há uma inclinação a tratar de fatos históricos, paisagens e objetos, sendo que há um tratamento destes temas de forma exótica e mitológica. É importante advertir que os poetas do Parnasianismo faziam uma “arte pela arte”, ou seja, eles acreditavam que a arte existia por si só e deveria se justificar por ela mesma. Além disso, os escritores parnasianos pregavam pelo rigor da forma escrita, respeito às regras gramaticais, vocabulário rico e erudito, rimas ricas e preferências por formas fixas como, por exemplo, os sonetos. Por isso, o culto à forma, ao rigor métrico dos poemas dessa corrente literária. Dessa visão de mundo é produzida uma arte que se opõe ao caráter metafísico e espiritual dos românticos.¹²⁰

Os poetas parnasianos, segundo afirma Ruth Fonseca Abecassis, Dilce Pio Nascimento e Francisco Bezerra dos Santos, influenciaram-se pelo século XVII, conhecido “como século das luzes por influência do Iluminismo, tendo seu ápice em 1878 que surge a poesia científica que pregava a razão. O subjetivismo típico dos poetas românticos era abatido pela luz da ciência, o racionalismo”.¹²¹ Dessa maneira, “[...] tinham uma visão pessimista do homem, pois o enxergavam preso à matéria e sem meios de se libertar, característica do Cientificismo”.¹²²

¹¹⁷ SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac, publicada em periódicos de 1894-1904*, op. cit., p. 74.

¹¹⁸ SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac, publicada em periódicos de 1894-1904*, op. cit., p. 75.

¹¹⁹ ABECASSIS, Ruth Fonseca; NASCIMENTO, Dilce Pio; SANTOS, Francisco Bezerra dos. *Aspectos românticos e eróticos nas entrelinhas de Olavo Bilac*, op. cit., p. 1.

¹²⁰ ABECASSIS, Ruth Fonseca; NASCIMENTO, Dilce Pio; SANTOS, Francisco Bezerra dos. *Aspectos românticos e eróticos nas entrelinhas de Olavo Bilac*, op. cit., p. 1.

¹²¹ ABECASSIS, Ruth Fonseca; NASCIMENTO, Dilce Pio; SANTOS, Francisco Bezerra dos. *Aspectos românticos e eróticos nas entrelinhas de Olavo Bilac*, op. cit., p. 2.

¹²² ABECASSIS, Ruth Fonseca; NASCIMENTO, Dilce Pio; SANTOS, Francisco Bezerra dos. *Aspectos românticos e eróticos nas entrelinhas de Olavo Bilac*, op. cit., p. 3.

Quanto à poesia de Olavo Bilac, “podemos dizer que embora ele seja um autor Parnasiano, ele também está inserido de certa forma ao Romantismo, uma vez que [...] exhibe uma sensibilidade muito próxima ao subjetivismo romântico”.¹²³ Nesse sentido, segundo Ruth Fonseca Abecassis, Dilce Pio Nascimento e Francisco Bezerra dos Santos: “produziu uma poesia com grande habilidade linguística com rigor gramatical e rítmico e grande desenvoltura de versificação que fazem com que o leitor interprete de acordo com seu ritmo de leitura como descreve”.¹²⁴

Entretanto, é importante ressaltar que:

A poesia de Olavo Bilac tem bastante apelação sensorial, com combinações de cores, sons e imagens. Porém, esse caráter sensorial quase plástico devido a seu rigor, tendia a transformar os sentimentos e ideias tratados em apenas palavras habilmente tratadas. Essa característica descritiva e plástica é típica do Parnasianismo, sendo que por conta disso, muitas vezes a poesia de Bilac soa superficial, tendo assim a participação do leitor no significado do texto, pois sabemos que cada leitor tem seu modo de ver e compreender os diversos tipos de textos.¹²⁵

Como poeta parnasiano preservou “um estilo rígido na construção dos poemas, buscando na métrica e na estrofação uma regularidade clássica e concisa. Porém a poesia de Olavo Bilac vai além do Parnasianismo”.¹²⁶ Como afirma Alvaro Santos Simões Júnior:

A consagração jornalística ocorreria em março de 1897, quando Ferreira de Araújo atribuiu ao poeta a incumbência altamente honrosa de substituir Machado de Assis, então considerado o maior escritor brasileiro, na crônica semanal, a coluna de maior prestígio do periódico.¹²⁷

Na *Gazeta de Notícias*, escreveu os mais variados gêneros de textos, indo, segundo Simões Júnior, do *fait divers* à editoriais e crônicas costumeiras.¹²⁸ Publicou também, longos poemas satíricos, “que, de certa forma, procuravam ser a versão em

¹²³ ABECASSIS, Ruth Fonseca; NASCIMENTO, Dilce Pio; SANTOS, Francisco Bezerra dos. *Aspectos românticos e eróticos nas entrelinhas de Olavo Bilac*, op. cit., p. 3.

¹²⁴ ABECASSIS, Ruth Fonseca; NASCIMENTO, Dilce Pio; SANTOS, Francisco Bezerra dos. *Aspectos românticos e eróticos nas entrelinhas de Olavo Bilac*, op. cit., p. 5.

¹²⁵ ABECASSIS, Ruth Fonseca; NASCIMENTO, Dilce Pio; SANTOS, Francisco Bezerra dos. *Aspectos românticos e eróticos nas entrelinhas de Olavo Bilac*, op. cit., p. 5.

¹²⁶ ABECASSIS, Ruth Fonseca; NASCIMENTO, Dilce Pio; SANTOS, Francisco Bezerra dos. *Aspectos românticos e eróticos nas entrelinhas de Olavo Bilac*, op. cit., p. 11.

¹²⁷ SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac, publicada em periódicos de 1894-1904*, op. cit., p. 124.

¹²⁸ Conferir SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac, publicada em periódicos de 1894-1904*, op. cit., p. 124 – grifos do autor.

versos da crônica, tratando do(s) assunto(s) da semana ou dos temas preferidos do cronista”.¹²⁹

Além disso, “a incursão do poeta pelo campo da literatura paradidática aproximou-o do diretor geral do Pedagogium, Manoel Bomfim [...], que se tornaria seu amigo e parceiro na produção de textos”.¹³⁰ A parceria entre Olavo Bilac e Manoel Bomfim começou de uma amizade que teria nascido por volta de 1888, quando Bomfim chegou ao Rio de Janeiro para concluir seus estudos na Faculdade de Medicina.

Quanto à predisposição para a formação da dupla, as opiniões são diversas. Segundo Ronaldo Conde Aguiar, o que os moveu foi o patriotismo: “(...) o sentimento de amor pela pátria, argamassa que sustentaria a nação brasileira”.¹³¹ Já na opinião de Aluizio Alves Filho: “serviu para conferir àquele um certo reconhecimento como prosador que defendia posições nacionalistas, uma vez que era comum até então, a atribuição de ‘poeta alienado’ a Bilac”.¹³²

Além disso, segundo Terezinha Alves de Oliva, os textos de Olavo Bilac:

Fogem à literatura ornamental, voltada à celebração e descomprometida dos problemas do país. Ao contrário, a confiança no futuro do Brasil e o compromisso com um programa que prepara esse futuro, constitui a marca e a obsessão da vida do escritor.¹³³

Contudo, é importante ressaltar que Manoel Bomfim e Olavo Bilac foram também escritores de literatura. No livro *História da Literatura Brasileira*¹³⁴ do autor Nelson Werneck Sodré, afirma-se que “tem sido apoucada ainda no terreno da história, a contribuição de Manoel Bomfim”.¹³⁵ Segundo afirma Sodré, em sua narração histórica, há uma retirada:

¹²⁹ SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac, publicada em periódicos de 1894-1904, op. cit.*, p. 126.

¹³⁰ SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac, publicada em periódicos de 1894-1904, op. cit.*, p. 57.

¹³¹ AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido. Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Toopbooks, 1999, p. 445.

¹³² ALVES FILHO, Aluizio. *Pensamento Político no Brasil – Manoel Bomfim: Um Ensaísta Esquecido*. Rio de Janeiro: Achimé, 1979, p. 43.

¹³³ OLIVA, Terezinha Alves de. *Manoel Bomfim e os Impressos sobre Educação*. Comunicação apresentada ao Seminário Os impressos e a educação brasileira. São Cristovão, NPGED/UFS (30 A 31 de Janeiro de 2002).

¹³⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

¹³⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira, op. cit.*, p. 368.

Do nível meramente cronológico, a que vinha sendo reduzida, e buscam analisar os acontecimentos. [...] A preocupação em colocar determinados problemas do passado que vinham sendo objetos de simples descrição. [...] mas em todos os campos a curiosidade se amplia, surge uma renovação de conceitos, abre-se uma perspectiva inédita. Os homens do tempo, ainda os mais dotados, não estão em condições de erguer um edifício, mas reúnem os materiais e preparam o terreno, fecundando-o com o tratamento que dão aos temas que escolhem.¹³⁶

Dessa maneira, o nacionalismo para Manoel Bomfim “era a confiança no destino da nação e a solidariedade com esse mesmo destino”.¹³⁷ Nela, o explorador não poderia ser aceito, pois “[...] só deseja facilidade para sua exploração [...] onde se aceitam todas as fórmulas e que, por isso mesmo, não terão outro destino senão o de serem eternamente exploradas”.¹³⁸ Ao contrário disso, ele desejava uma pátria:

Que sinta a necessidade de afirmar-se, por si e pela tradição humana em que existe; que não se contente de ser matéria informe, para gozo exclusivo de exploradores, e queria concorrer para o desenvolvimento e o progresso de um grupo humano e aspire definir e apurar sua tradição nacional.¹³⁹

Assim, em sua obra como afirma Nelson Werneck Sodré: “há muitos aspectos positivos a considerar e elementos de informação para o conhecimento do passado literário brasileiro que não devem e não podem ser esquecidos”.¹⁴⁰

Por sua vez, no livro *História da Literatura Brasileira*¹⁴¹ do autor Antônio Soares Amora, Olavo Bilac aparece descrito como poeta, “mestre da vernaculidade e, dentro da estética realista, mestre, como artista e como teórico, da composição poeta”.¹⁴² A bibliografia citada do autor é o livro *Poesias*¹⁴³. E como “escritor de livros de educação primária”, as obras descritas são: “*Poesias infantis, 1904*; em colaboração: *Contos pátrios, 1905*; *Livro de leitura, 1899*; *Teatro Infantil, 1905*”.¹⁴⁴

No livro *História da Literatura Brasileira*¹⁴⁵ do autor Nelson Werneck Sodré, Olavo Bilac aparece citado como poeta. No “Parnasianismo e Simbolismo” as obras

¹³⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira, op. cit.*, p. 368.

¹³⁷ BOMFIM, Manoel *apud* SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira, op. cit.*, p. 380.

¹³⁸ BOMFIM, Manoel *apud* SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira, op. cit.*, p. 380.

¹³⁹ BOMFIM, Manoel *apud* SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira, op. cit.*, p. 380.

¹⁴⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira, op. cit.*, p. 380.

¹⁴¹ AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira*. 8. ed. refundida e ampl. São Paulo, Saraiva, 1973.

¹⁴² AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira, op. cit.*, p. 135.

¹⁴³ BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1949.

¹⁴⁴ AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira, op. cit.*, p. 134.

¹⁴⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira, op. cit.*, 1995.

descritas são: *Conferências Literárias (1906)*, *Crítica e Fantasia (1904)* e *Poesias (1949)*.¹⁴⁶

No livro *Presença da literatura brasileira II*¹⁴⁷ dos autores Antônio Candido e José Aderaldo de Castello, Olavo Bilac aparece ligado com o Parnasianismo e descrito como “fôste e és o chefe da nossa escola poética [...]”.¹⁴⁸ No ensino teve dedicação constante em, “- colaboração, livros didáticos; organizando antologias”.¹⁴⁹ As obras citadas são: *Poesias, 1888 e 1961*; *Poesias Infantis, 1904*; *Tarde, 1919* e vários livros didáticos, sendo alguns publicados em parceria com Manoel Bomfim.¹⁵⁰

Dito isto, para encerrarmos esse capítulo dedicado às sínteses dos intérpretes da vida e obra de Bomfim e Bilac, vale repassar mais uma das assertivas de Lippi de Oliveira: “Bonfim escreveu, junto com Olavo Bilac, um dos mais interessantes livros na categoria que hoje pode ser chamada de obra paradidática. *Através do Brasil* (narrativa) [...]”.¹⁵¹

Como vemos, trata-se de uma obra e de autores lidos e comentados por importantes estudiosos da literatura e da sociedade brasileira entre o final do século XIX e início do século XX. Finda essa leitura mais geral da obra, acompanhada pelos estudiosos do assunto, vamos agora tentar compreender a viagem realizada pelas personagens Carlos e Alfredo uma das palavras-chave de *Através do Brasil*.

Capítulo 2: Palavra-chave “viagem”

[...] Estamos certos que a criança, com a sua simples leitura, já lucrara alguma coisa: aprenderá a conhecer um pouco o Brasil; terá uma visão, a um tempo geral e concreta, da vida brasileira – as suas gentes, os seus costumes, as suas paisagens, os seus aspectos distintivos [...] Foi por isso que demos ao nosso livro um caráter episódico, um tom dramático – para despertar o interesse do aluno e conquistar-lhe o coração [...].¹⁵²

¹⁴⁶ SODRÉ, Néson Werneck. *História da literatura brasileira*, op. cit., p. 647.

¹⁴⁷ CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira II*. 3. ed. rev. São Paulo, SP: Difusão Europeia do Livro, 1968.

¹⁴⁸ CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira II*, op. cit., p. 244.

¹⁴⁹ CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira II*, op. cit., p. 243.

¹⁵⁰ CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira II*, op. cit., p. 244.

¹⁵¹ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Manuel Bomfim: autor esquecido ou fora do tempo?*, op. cit., p. 782 – grifos da autora.

¹⁵² BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias*, op. cit., p. VIII.

O trecho advém do romance *Através do Brasil*, o qual estamos analisando, mais especificamente na nota introdutória intitulada “Advertência e Explicação”, nela mesma, já mencionada. Ele nos coloca no centro da discussão do livro, a saber, “conhecer um pouco o Brasil através da “viagem”, podemos acrescentar. Lembrando que não se trata de uma “viagem” qualquer, mas de um percurso imaginário através do país, realizados por duas personagens - crianças. Carlos e Alfredo, atravessaram o Brasil na busca do pai morto. Trata-se de uma verdadeira aventura pela geografia literária que Manoel Bomfim e Olavo Bilac teceram para os leitores brasileiros. Nessa geografia da literatura, não teremos “[...] aspectos imotos, apagados, mortos”,¹⁵³ mas uma vívida narrativa de diferentes lugares e personagens e ações, algo que precisamos conhecer através da palavra-chave “viagem”.

O sentido de “viagem” aparece em *Através do Brasil*, mas também em muitos outros livros e escritos, da década de 1930, conforme já discutido por Sérgio Buarque de Holanda,¹⁵⁴ para dar apenas um exemplo datado, ou nas reedições da *Viagem Pitoresca de Através do Brasil* de Debret.¹⁵⁵ Na contemporaneidade, algumas pesquisas históricas e sociológicas se ocuparam do tema da “viagem” na década de 1930. Vamos nos limitar em citar, apenas os trabalhos de Guilherme Simões Gomes Júnior¹⁵⁶ e Valéria Alves Esteves Lima¹⁵⁷, partindo das hipóteses apresentadas por esses diferentes autores, que a tal “viagem” é uma “tópica” ou “lugar comum” da década de 1930. Na verdade, existem outras palavras-chave no texto e também no contexto, contudo escolhemos, somente tratar dela aqui, na busca de compreender como nosso romance *Através do Brasil* expressa uma nota dominante de uma determinada época.

¹⁵³ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias, op. cit.*, p. VIII.

¹⁵⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

¹⁵⁵ Sobre a redescoberta de Debret no Brasil Conferir TREVISAN, Anderson Ricardo. *A redescoberta de Debret no Brasil Modernista*. São Paulo: Alameda, 2016.

¹⁵⁶ JÚNIOR, Guilherme Simões Gomes. *Arte da paisagem e viagem pitoresca – Romantismos entre academia e mercado*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 27, nº 79, Junho/2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n79/a07.pdf>> Acesso em: 13/03/2018.

¹⁵⁷ LIMA, Valéria Alves Esteves. *J.-B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

Para iniciar nossa análise, tomamos como “ponto de partida”¹⁵⁸ a própria história da obra. Com a sua leitura, foi possível perceber que a palavra-chave “viagem” aparece escrita 92 vezes, conforme se observa no quadro 2, abaixo:

Quadro 2: Gravuras e páginas do original – *Através do Brasil* de 1931

Capítulo	Ocorrência	Sentido da palavra-chave “Viagem” na obra <i>Através do Brasil</i> (1931).
I	2 vezes	- Ter o dinheiro para iniciar a “viagem” em Recife (“[...] vou vender o relógio, e sempre hei-de poder pagar a viagem.” ¹⁵⁹); Advertência (“Mas tu és pequeno, a viagem é longa, o dinheiro é pouco...” ¹⁶⁰);
III	2 vezes	- Percurso da viagem (“[...] os viajantes passaram-se todos para os carros de uma outra estrada de ferro, e a viagem continuou [...]”. ¹⁶¹); Recursos financeiros para fazer a “viagem” (p. 24);
IV	2 vezes	- Patrão que iniciou a “viagem” (p. 27); Prosseguir a “viagem” (p. 29);
V	5 vezes	- Substituto do engenheiro (“[...] Carlos e Alfredo encontraram um moço, engenheiro e desenhista, que substituíra o engenheiro em viagem [...]”. ¹⁶²); Auxílio a “viagem” (“[...] Foi logo dar as providências para a viagem: arranhou dois cavallos mansos, contratou, para acompanhar os dois viajantes, [...]”. ¹⁶³); Duração da “viagem” (p. 32); Tempo da “viagem” (p. 32); Advertência (“Essa não é viagem para uma Criança”. ¹⁶⁴);
VII	1 vez	- Desejar boa “viagem” (p. 44);
VIII	3 vezes	- Características da “viagem”: Ser agradável (p. 46), Triste - lembrança do pai (p. 48) e Cansativa (“[...] Alfredo, que nunca até então se metera em cavalarias altas da viagem, já cabeceava, tomado de fadiga e somno”. ¹⁶⁵);

¹⁵⁸ O termo é utilizado por Erich Auerbach em seu ensaio “Filologia da literatura”. Segundo Auerbach, “Para atingir um grande objeto sintético é necessário inicialmente encontrar um ponto de partida, um ponto de apoio que permite atacar o problema. Deve-se isolar um grupo bem delimitado e controlável de fenômenos, e a interpretação desses fenômenos deve ter força de irradiação suficiente para ordenar e interpretar um conjunto de fenômenos muito mais amplo do que o original”. Ver AUERBACH, Erich. *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2007, p. 369.

¹⁵⁹ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 15.*

¹⁶⁰ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 16.*

¹⁶¹ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 22*

¹⁶² BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 31.*

¹⁶³ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 32.*

¹⁶⁴ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 32.*

¹⁶⁵ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 49.*

IX	2 Vezes	- Característica da “viagem” (“[...] E os dois rapazes encetaram a nova phase da sua fatigante viagem [...]” ¹⁶⁶); Advertência (“[...] E, infelizmente, não é uma viagem de recreio, a que fazemos” ¹⁶⁷);
X	2 Vezes	- “Viagem” a cavalo feita 2 vezes (p. 58); A presença de Juvêncio na história (“Carlos e Alfredo ouviam extaticos a narração do seu amável companheiro de viagem [...]” ¹⁶⁸);
XI	5 Vezes	- Características da “viagem”: Longa (p. 62), Interessante (“[...] Uma viagem fluvial é sempre interessante para quem a realiza pela primeira vez [...]” ¹⁶⁹); Continuar com a “viagem” (p. 65), Desânimo com a “viagem” (“Carlos e Alfredo, sentados sobre uns saccos, á proa da lancha, estavam tão desanimados que não trocavam uma só palavra. Que viagem! [...]” ¹⁷⁰); Triste (“E o resto da viagem foi triste, tão triste como se alli fosse realmente um cadaver” ¹⁷¹);
XII	3 vezes	- Debilidade de Alfredo na “viagem” (p. 67); Características da “viagem”: Penosa (p. 68) e Fácil ao mesmo tempo (“Para a Bahia, a viagem era mais fácil” ¹⁷²);
XIII	1 vez	- Fazer juntos a “viagem” Carlos, Alfredo e Juvêncio (“Ah! então, vamos fazer juntos a viagem, porque eu também vou para lá” ¹⁷³);
XXI	1 vez	- Modo de fazer a “viagem”: a pé (p. 102);
XXIII	2 vezes	- Segundo dia da “viagem” (p. 109); Preocupação com os recursos financeiros para continuar a “viagem” (“[...] E pensaram logo em obter qualquer trabalho naquela grande fazenda, para arranjar mais dinheiro, com que pudessem fazer face ás despesas do resto da viagem [...]” ¹⁷⁴);
XXX	3 vezes	- Advertência (“E vosmecês arriscaram-se a fazer essa viagem tão longa?” ¹⁷⁵); Alfredo ficou doente no decorrer da “viagem” (p. 133); Angústia: Juvêncio não voltar para pegar Carlos e Alfredo (p. 134);
XXXII	1 vez	- Confiança na “viagem” (“Com certeza, o Juvencio não continuará sósinho a viagem [...]” ¹⁷⁶);
XXXIV	2 vezes	- Adiamento da “viagem” (“[...]talvez a roupa não tenha ficado enxuta, e elles tenham adiado a viagem para amanhã” ¹⁷⁷); Angústia na “viagem” (“Carlos e

¹⁶⁶ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. 56.

¹⁶⁷ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. 56.

¹⁶⁸ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. 60.

¹⁶⁹ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. 63.

¹⁷⁰ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. 63.

¹⁷¹ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. 66.

¹⁷² BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. 68.

¹⁷³ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. 71.

¹⁷⁴ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. 109.

¹⁷⁵ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. 132.

¹⁷⁶ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. 138.

¹⁷⁷ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. 143.

		Alfredo. Não podia mais suportar aquela incerteza. A noite devia ser de luar, e a viagem era curta..." ¹⁷⁸);
XXXVII	1 vez	- Descrição da "viagem" a Juazeiro (p. 153);
XLILI	1 vez	- Continuar a "viagem" (p. 172);
XLV	1 vez	- Compra de alimentos para continuar a "viagem": Carne, pão... (p. 178);
XLVII	3 vezes	- Regressar a vila por causa de um velório (p. 186); Característica da "viagem": Triste ("A viagem foi triste". ¹⁷⁹) e Condições financeiras ruins para que a "viagem" prosseguisse;
XLVIII	2 vezes	- "Viagem" até Villa Nova da Rainha (p. 189); Prosseguir a "viagem" (p. 191);
XLIX	1 vezes	- Característica da "viagem": cansativa, acontece no dia todo (p. 194);
L	2 vezes	- "Viagem" ser longa (p. 195) e demorada ao mesmo tempo (p. 196);
LII	3 vezes	- "Viagem" de Alagoinhas à Bahia (p. 201); Contação de uma história (p. 203); Pausa na "viagem" (p. 204);
LIII	4 vezes	- Gratidão ("Este foi o nosso companheiro de jornada, e devemos-lhe muita gratidão pelo auxílio que nos prestou durante a viagem difícil que tivemos e fazer, até aqui". ¹⁸⁰); Interrogação sobre a "viagem" ("Mas como fizeram a viagem?" ¹⁸¹); Novos episódios da "viagem" (p. 209); Cansaço da "viagem" (p. 209);
LIV	2 vezes	- "Viagem" feita pelo mar (p. 213); Adiamento da "viagem" (p. 213);
LV	1 vez	- Preparativos para continuar a "viagem" (p. 215);
LVI.	2 vezes	- Número de "viagem": 7 vezes (p. 218); Reinício da "viagem" (p. 218);
LVII	2 vezes	- Referência a "viagem" (p. 222); E ida a Vitória (p. 225);
LVIII	1 vez	- "Viagem" de instrução (p. 227);
LVIII	4 vezes	- Duas vezes faz referência ao nome do Capítulo, que contém a palavra "viagem" (p. 246 e 247); Angústia da "Viagem" ("Nesta longa viagem quantos amigos vamos deixando perdidos! primeiro, papae! Depois, Juvencio, Maria das Dores, tantos outros! – e agora, Jorge e Rodolpho..." ¹⁸²); Duração da "viagem": longa (p. 246);
V	4 vezes	- Sucessão de estações de trem (p. 249); Características da "Viagem": Monótona (p. 249) e com muitas horas de duração (p. 250 e 252);
LXVIII	1 vez	- Longa "viagem" (p. 265);
LXX	1 vez	- Faz referência a Juvêncio (p. 273);
LXXII	1 vez	- "Viagem" acontece em estrada de ferro (p. 280);
LXXIII	1 vez	- Fala sobre a "viagem": ser cansativa (p. 283);
LXXIV	3 vezes	- "Viagem" de Juvêncio: Trabalho em Manaus (p. 286, 291 e 291);

¹⁷⁸ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 145.*

¹⁷⁹ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 187.*

¹⁸⁰ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 207.*

¹⁸¹ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 207.*

¹⁸² BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 246.*

LXXV	3 vezes	- Nome do capítulo: “Viagem” aparece escrita 3 vezes (p. 292, 293 e 295);
LXXXII	2 vezes	- Finalização da “viagem” de Carlos e Alfredo (p. 321); Volta de Juvêncio com o pai dos meninos ao Rio Grande do Sul (p. 322);
Glossário	7 vezes	- Palavras relacionadas a “Viagem”: Arranchar (p. II), Excursão (p. VI), Expedição (p. VI), Farnel (p. VI), Jornada (p. VIII), Matalotagem (p. VIII) e Tropa (p. XI);
Índice	2 vezes	- Nome dos capítulos que constam a palavra-chave “viagem” (p. 336).
Total	92 vezes	

Fonte: Própria Aatoria, 2018

Partindo da leitura simples do quadro, podemos perceber que a palavra-chave “viagem” em *Através do Brasil*, além de se repetir inúmeras vezes, ela está relacionada à “viagem” feita por Carlos e Alfredo em busca de seu pai, que começou no Recife e terminou no Rio Grande do Sul, conforme destacamos no resumo da obra e na Introdução desta dissertação. É interessante notar as inúmeras características atribuídas: ser longa, triste (remete a lembrança do pai – sua perda), monótona, dentre outras.

Chama atenção também a relação de palavras apresentadas num glossário. Referem-se aos componentes necessários e imprescindíveis para que a “viagem” acontecesse. Podemos citar, como exemplo, os mantimentos (“[...] Não tinham já um vintém de seu; e a matalotagem que levavam só podia bastar para dois dias...”¹⁸³), o pouso (para comer ou dormir) e os animais que carregavam as cargas para que a “viagem” se realizasse (“Ao anoitecer do segundo dia de viagem, chegaram a uma fazenda de criação. Ahi devia parar a tropa. Juvencio e Carlos receberam o seu salário, correspondente a dois dias de trabalho”.¹⁸⁴).

Outro sentido da “viagem” está representado na diversidade de paisagens e cidades que são apresentadas ao longo da narrativa. É uma verdadeira geografia literária, para usar o termo de Franco Moretti, sendo que a intenção, podemos aventar, é reconstruir a nação¹⁸⁵. O romance *Através do Brasil*, conforme vai descrevendo os diferentes lugares do território nacional, parece querer assumir um papel formador da

¹⁸³ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 108.*

¹⁸⁴ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Pratica da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 109.*

¹⁸⁵ Segundo Franco Moretti, a geografia literária serve “[...] como alicerce a forma narrativa; a fronteira interna como o interruptor de ligar e desligar do romance histórico”. Essa fronteira é o ponto de tensão, pelo qual a narrativa se desenvolve e acontece ao mesmo tempo. In: MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, p. 50.

nação, colaborando para a construção de um sentimento nacional, ele mesmo tão caro as primeiras décadas do século XX. Estamos nos referindo àquele projeto de nação que começa a se construir graças ao chamado “modernismo brasileiro”, segundo as teses de Marisa Lajolo: “um projeto educativo via no texto infantil e na escola (e, principalmente, em ambos superpostos) aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos”.¹⁸⁶

Com a “viagem” feita por Carlos e Alfredo “torna-se extremamente fácil inserir no livro (e mesmo na narrativa) as lições de geografia, agricultura, história, higiene, como era a intenção dos autores”¹⁸⁷, algo necessário para se desenhar uma nação. Em outra parte da nota introdutória “Advertência e Explicação” supracitada, encontramos o reforço dessa matéria:

O nosso livro de leitura oferece bastantes motivos, ensejos, oportunidades, conveniências e assuntos, para que o professor possa dar todas as lições, sugerir todas as noções e desenvolver todos os exercícios escolares para boa instrução intelectual de seus alunos.¹⁸⁸

Sendo que essa instrução deve começar pela aprendizagem de diferentes lugares que perfazem o país. Na verdade, cada paisagem vem à tona graças à presença das personagens principais, Carlos e Alfredo, cujo movimento ao longo dos capítulos vai dando vida a diferentes lugares, a variadas aventuras, “com as quais se espera que os leitores se identifiquem”, completa Marisa Lajolo.¹⁸⁹ Contudo, a grande lição deixada pelo livro como um todo é a “do civismo, do patriotismo, da brasilidade, sugerida e sublinhada pela alusão a episódios e heróis brasileiros e pela exaltação da natureza”,¹⁹⁰ princípios nacionais descobertos através da “viagem”.

Romances como esses, cheios de aventuras e idas e vindas, tecem aquilo que Franco Moretti chamava de geografia literária. Era tipo de forma e formato romanesco de aventuras incertas, mas decisivas na representação de cenas e lugares.¹⁹¹ Assim,

¹⁸⁶ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984, p. 32.

¹⁸⁷ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil brasileira: história & histórias*, op. cit., p. 35.

¹⁸⁸ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931, p. VI-VII.

¹⁸⁹ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil brasileira: história & histórias*, op. cit., p. 35.

¹⁹⁰ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil brasileira: história & histórias*, op. cit., p. 35.

¹⁹¹ MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*, op. cit., p. 45.

podemos pensar, segundo afirma Franco Moretti: “a geografia como alicerce da forma narrativa; a fronteira interna como o interruptor de ligar e desligar [...]”¹⁹², da aventura em *Através do Brasil*.

Partindo dessa ponderação, podemos inferir que a geografia da obra é nacional e sua fronteira interna, ponto de tensão, seja o estado de Pernambuco, pois era lá que estudavam Carlos e Alfredo em um internato. Foi lá que souberam da notícia da enfermidade de seu pai (o engenheiro Menezes). Foi nesse mesmo lugar que decidiram realizar uma “viagem” através do Brasil, partindo de Recife e chegando ao Rio Grande Sul. Do Nordeste ao Sul do país, a bússola dos meninos aponta para um destino incerto, cheio de aventuras, idas e vindas, dificuldade de comunicação e ausências. Aliás, a comunicação precária e ausência são dois fenômenos literários importantes: se não fosse a falta de comunicação e a ausência do pai, a “viagem” através do Brasil não se realizaria. A necessidade de comunicar o país de norte a sul com um sentimento poderoso – o amor dos filhos – é central na geografia de Olavo Bilac e Manoel Bomfim. Um amor que se traduz também no “amor” à pátria, conforme podemos perceber na nota introdutória: “[...] Estamos certos que a criança, com a sua simples leitura, já lucrara alguma coisa: aprenderá a conhecer um pouco o Brasil”.¹⁹³

Essa necessidade de conhecer um pouco o Brasil nada mais é do que um “descobrimento” do país, a saber um motivo ou uma “tópica”,¹⁹⁴ conforme nos ensina Sérgio Buarque de Holanda.

No livro *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*,¹⁹⁵ Sérgio Buarque de Holanda afirma que a percepção que os europeus tinham da América ligava-se à interpretação que faziam dos textos bíblicos na época dos descobrimentos. Eles acreditavam na existência de uma Idade de Ouro perdida e que o novo território ressurgia como um paraíso reencontrado.

¹⁹² MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*, op. cit., p. 50.

¹⁹³ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. VIII.

¹⁹⁴ Podemos definir a tópica como sendo lugares-comuns. Segundo afirma Curtius: “Versa a tópica [...] não só sobre o encanto da Natureza, em seu mais amplo sentido – portanto, a paisagem ideal com todo o seu repertório típico -, mas também sobre regiões e idades sonhadas: o Elísio (com sua eterna primavera, sem perturbações meteorológicas), o Paraíso terrestre, a Idade de Ouro; bem como sobre potências vitais: o amor, a amizade, a transitoriedade. Todos esses temas se referem a relações primitivas e são por isso independentes do tempo, uns mais, outros menos [...]. Ernst Robert Curtius. “A tópica”. In: *Literatura Europeia e Idade Media Latina*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 125.

¹⁹⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, op. cit., 1994.

Dessa maneira, o Brasil era construído como um paraíso terrestre e uma grande floresta tropical, que o europeu reconhecia a partir das descrições bíblicas. Mesmo passados cinco séculos desde a “viagem” de “descoberta” da América do Sul, as visões exóticas do Novo Mundo persistiram e foram continuamente alimentadas por uma grande dose de imaginação dos leitores e escritores voltados a apresentar uma visão do paraíso. A “viagem” rumo ao desconhecido é, portanto, uma dessas visões comuns de época, cujo desfecho é o descobrimento.

Em *Através do Brasil*, Bilac e Bomfim constroem duas personagens-crianças e descobridores de uma parte do Brasil. A “visão do paraíso” que eles nos apresentam é de um lugar bastante pitoresco.

O pitoresco nacional, pensando no romance, pode ser visto sob dois ângulos, conforme nos ensinam os estudiosos do “pitoresco”: a primeira característica do pitoresco nos remete aos “efeitos” encontrados em “detalhes” no trabalho de certos artistas; a segunda é o sentido de “viagem pitoresca”, conforme afirma Aubin Louis Millin:

Deve-se entender por essa expressão toda viagem que um artista realiza em qualquer região, para estudar a natureza local em todas as suas produções, para registrar os lugares, as vistas, as paisagens mais suscetíveis de belos efeitos; e, sobretudo, para o conhecimento dos costumes, dos usos, das vestimentas e dos monumentos, tanto antigos como modernos. O resultado de tal viagem deve servir primeiro à instrução pessoal e, em segundo lugar, para transmitir a representação dos objetos mais curiosos nas descrições acompanhadas de pinturas ou de gravuras executadas a partir de desenhos escrupulosamente exatos.¹⁹⁶

A “viagem pitoresca” era um gênero editorial bastante comum na literatura francesa e europeia. Propagou-se por toda a Europa como gênero editorial, podendo ser considerada como a legítima herdeira e sucedânea das “viagens” “*iniciáticas*”, segundo Gomes Junior, realizadas por artistas, eruditos e aventureiros do século XVIII.¹⁹⁷

Uma das significativas “viagens pitorescas” aconteceu em direção do Brasil, entre 1808 e 1822, para a cidade do Rio de Janeiro:

¹⁹⁶ MILLIN, Aubin Louis *apud* JÚNIOR, Guilherme Simões Gomes. *Arte da paisagem e viagem pitoresca – Romantismos entre academia e mercado*, *op. cit.*, p. 109.

¹⁹⁷ JÚNIOR, Guilherme Simões Gomes. *Arte da paisagem e viagem pitoresca – Romantismos entre academia e mercado*, *op. cit.*, p. 109 – grifo do autor.

Desembarcaram [além de portugueses, espanhóis e franceses] também dinamarqueses, suecos, escoceses, irlandeses, italianos, alemães, norte-americanos, ingleses, gente de todo lugar, o que deu à nova capital do Império português uma característica cosmopolita. Esse caráter internacional e multifacetado da corte acentuou-se conforme progrediam as atividades comerciais e empreendimentos urbanos ligados à cultura e comunicação.¹⁹⁸

O Brasil tornou-se acessível a todo tipo de expedição de caráter científico com passagem quase sempre necessária para o novo centro do Império. Os artistas que aqui estiveram, segundo Guilherme Simões Júnior, “[...] tentaram garantir duas das regras do gênero das viagens pitorescas: o testemunho pessoal do viajante e a gravura “baseada em desenho feito no próprio local, como signos de autenticidade”.¹⁹⁹ As imagens produzidas a partir do testemunho do viajante, “*contribuíam*, de forma inédita, para assegurar a qualidade documental das obras”.²⁰⁰

A “viagem pitoresca”, conforme afirma Guilherme Simões Júnior, ligava-se também com a pintura de paisagem, representando o homem da cidade “[...] propenso a devanear com imagens campestres, rústicas, de um mundo que se perdia ou estava por demais distante”²⁰¹, pois a arte presente nas academias era orientada para as encomendas públicas e “[...] para um público composto avisado de colecionadores, amadores e eruditos, de elevado capital simbólico”.²⁰²

Dessa maneira, como afirma Valéria Alves Esteves Lima:

Estamos diante da elaboração mais definitiva do viajante-filósofo. Imbuído da Filosofia das Luzes, esse viajante não mais aceitará a mão divina na história, mas acreditará no potencial transformador do homem. Diante da experiência de contato com o *outro*, esses projetos se tornariam cada vez mais plenos de sentido. Sua bagagem teórica, aliada à sua experiência histórica, iria capacitá-lo ao exercício ativo do conhecimento.²⁰³

¹⁹⁸ JÚNIOR, Guilherme Simões Gomes. *Arte da paisagem e viagem pitoresca – Romantismos entre academia e mercado*, op. cit., p. 111 – *interpolação por minha conta*.

¹⁹⁹ JÚNIOR, Guilherme Simões Gomes. *Arte da paisagem e viagem pitoresca – Romantismos entre academia e mercado*, op. cit., p. 113 – *grifo do autor*.

²⁰⁰ LIMA, Valéria Alves Esteves. *J.-B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, op. cit., p. 180 – *grifo da autora*.

²⁰¹ JÚNIOR, Guilherme Simões Gomes. *Arte da paisagem e viagem pitoresca – Romantismos entre academia e mercado*, op. cit., p. 120.

²⁰² JÚNIOR, Guilherme Simões Gomes. *Arte da paisagem e viagem pitoresca – Romantismos entre academia e mercado*, op. cit., p. 120.

²⁰³ LIMA, Valéria Alves Esteves. *J.-B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. op. cit., p. 182 – *grifo da autora*.

A “viagem pitoresca” visava levar às pessoas informações e conhecimento sobre as populações, seus costumes e as recentes descobertas e investigações realizadas nas diversas regiões do globo. Como afirma Lima:

Diante dessas novas intenções, é fácil compreender que as viagens pitorescas não tivessem, à maneira dos relatos científicos, a pretensão de se mostrar exaustivas. Não se apresentam como inventários, sequer como repertórios, mas constituem-se da reunião de uma série de imagens capazes, a partir da força de sua própria linguagem, de despertar o público para os valores do passado. Resgatar esse passado, estava, de resto, na base da busca de sua própria identidade, identidade essa que só poderia constituir-se uma vez que os monumentos que materializavam momentos passados fossem conhecidos e preservados.²⁰⁴

Diante disso, se a “viagem” dos europeus para as colônias configura uma visão do paraíso, as “viagens pitorescas” são um estilo de narrar essas “conquistas” e “descobrimientos”, algo datado do período da colônia ao império, conforme vimos com os autores supracitados, foi no século XX, mais precisamente nas primeiras décadas, que o sentido de “viagem” foi redescoberto e enfatizado.²⁰⁵

O Brasil redescoberto no início do século XX é uma visão que se consolida no projeto do chamado “modernismo brasileiro”, segundo assertiva de Lajolo, uma das grandes intérpretes de *Através do Brasil*.

Tomando, portanto, como referências suas teses e o sentido de “visão de paraíso” descobridora e pitoresca, voltamos aos nossos dois autores, Bilac e Bomfim, para discutir seu projeto “modernista”.

Temas “pitorescos”, segundo afirma Sonia Cristina Lino “ocuparam papel de destaque nas produções literárias, no cinema e na teledramaturgia [...]”.²⁰⁶ As renovações estéticas propostas pelo modernismo dos anos 20, “encontrariam nos

²⁰⁴ LIMA, Valéria Alves Esteves. *J.-B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. *op. cit.*, p. 233.

²⁰⁵ Conferir TREVISAN, Anderson Ricardo. “Debret na Revista da Semana entre 1900-1930”. In: *A redescoberta de Debret no Brasil Modernista*. São Paulo: Alameda, 2016, pp. 202-227. É importante destacar, segundo o autor, que o marco inicial de introdução da tópica da “viagem” – o termo é nosso - é 1914, sendo que o período mais rico de discussão sobre o sentido da “viagem” é 1940, por conta da Biblioteca Histórica Brasileira (ver TREVISAN, “A crítica e o mercado editorial na redescoberta de Debret”, *op. cit.*, p. 124), algo que foge ao recorte de nossa pesquisa.

²⁰⁶ LINO, Sonia Cristina. *Mundo, desmundo, novo mundo – ficções históricas e hibridismo em narrativas sobre origens*. S/d, p. 65. Disponível em: <https://www.academia.edu/10223926/Mundo_Desmundo_Novo_Mundo._Fic%C3%A7%C3%B5es_hist%C3%B3ricas_e_hibridismo_em_narrativas_sobre_origens> Acesso em: 20/10/2017.

anos 30 (fase ideológica), no Estado Novo, elementos estruturais para sua efetiva realização enquanto movimento coletivo”.²⁰⁷

Nesse sentido, “esse período modernista coincidia [...] com um processo de industrialização, e foi marcado pela busca de uma forma artística com o progresso técnico da indústria e o desenvolvimento da cidade”.²⁰⁸ Ao mesmo tempo, houve “a busca de elementos da tradição nacional para definir uma imagem artística do país [...]”,²⁰⁹ representado por novas produções artísticas.

Assim, segundo Trevisan é nesse quadro intelectual e cultural que se define o interesse por “viajar” através do Brasil não somente pela literatura, mas a partir do cinema também. Segundo Trevisan: “o cinema se tornava um dos caminhos para o Brasil aparecer, enquanto imagem, o que se desdobrava na construção de uma visualidade para esse país, algo que os filmes de Humberto Mauro sinalizariam”.²¹⁰

Dentre os filmes produzidos por Humberto Mauro, destacamos a obra cinematográfica *O descobrimento do Brasil* (1936). Foi produzido quando ele “já estava no Rio de Janeiro, trabalhando no Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), onde produziria inúmeros trabalhos”.²¹¹ O cinema dentro desse instituto, “era entendido como um caminho para a educação das massas, de fortalecimento do sentimento nacional”.²¹² Além de ser um caminho de convencimento e esclarecimento, que ao mesmo tempo instruíam e influenciavam sobre a moral do povo.²¹³ Segundo afirma Trevisan:

[...] aparecia como uma *disciplina*, acessível inclusive para analfabetos, que *ensinaria* todos os brasileiros a amar seu país. Mas isso implicava, como já foi apontado, um controle nos conteúdos, uma propaganda daquilo que fosse interessante àqueles que buscavam, a partir dos círculos de mando, criar uma nação. [...] Nesses termos, o cinema de Humberto Mauro era parte desse grande esquema de construção de nação. O filme, *O descobrimento do Brasil* de 1937, [...], tem uma função precisa a esse respeito que é apresentar uma

²⁰⁷ TREVISAN, Anderson Ricardo. *Cinema, história e nação: Humberto Mauro e O Descobrimento do Brasil*. Estud. sociol., Araraquara, v.21, n.40, jan.-jun/2016, p. 216. Disponível em: <<https://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/7477/5802>> Acesso em: 13/03/2018.

²⁰⁸ TREVISAN, Anderson Ricardo. *Cinema, história e nação: Humberto Mauro e O Descobrimento do Brasil*, op. cit., p. 216.

²⁰⁹ TREVISAN, Anderson Ricardo. *Cinema, história e nação: Humberto Mauro e O Descobrimento do Brasil*, op. cit., p. 216.

²¹⁰ TREVISAN, Anderson Ricardo. *Cinema, história e nação: Humberto Mauro e O Descobrimento do Brasil*, op. cit., p. 217.

²¹¹ TREVISAN, Anderson Ricardo. *Cinema, história e nação: Humberto Mauro e O Descobrimento do Brasil*, op. cit., p. 219.

²¹² Conferir TREVISAN, Anderson Ricardo. *Cinema, história e nação: Humberto Mauro e O Descobrimento do Brasil*, op. cit., p. 220.

²¹³ TREVISAN, Anderson Ricardo. *Cinema, história e nação: Humberto Mauro e O Descobrimento do Brasil*, op. cit., p. 220.

imagem para o nosso descobrimento, criando, a partir disso, mitos de uma nacionalidade.²¹⁴

O filme que possui 60 minutos de duração, relata a chegada da frota portuguesa com trechos da Carta de Pero Vaz de Carminha, sendo construído “na chave da harmonia, da ordem e do progresso”,²¹⁵ a mesma que sentimos na obra *Através do Brasil*, quando nossos duas personagens crianças percorrem diferentes lugares e nos apresentam uma visão idílica do país:

[...] Ah! esses bandeirantes! E ainda não nasceu no Brazil um poeta, capaz de compor a definitiva epopéa sertanista! Aquelles homens, invadindo os sertões, criaram o Brazil. Gabriel Soares, Melchior Dias, Francisco de Souza, Fernão Dias Paes, Antônio Dias, Arzão, Bueno de Siqueira, Borba Gato, Moreira Cabral, Bueno da Silva e tantos outros, desbravaram as florestas virgens, e exploraram todo o território de São Paulo, de Minas, de Goyaz e de Mato Grosso. E quantos episódios heróicos, quantas aventuras épicas! Essas peregrinações formaram pequenas aldeias, pequenos núcleos de civilização: e assim nasceram as cidades hoje admiráveis, cheias de vida, borborinhantes de trabalho e esplendidas de fecundidade [...].²¹⁶

Nesta passagem destacada, as personagens Carlos e Alfredo testemunham as bem-aventuranças de uma nação muito bem realizada, com seu povo, seu território, sua cultura, algo constitutivo de sua cultura. Temos uma verdadeira valorização da história do país e o culto do pitoresco, na pena de Olavo Bilac e Manoel Bomfim, algo que já estava presente na filmografia dos anos 1930, conforme vimos acima.²¹⁷

Mas antes de darmos outras evidências de como o livro *Através do Brasil* está afinado com a década de 1930 e outras produções culturais do período, devemos atentar para o seguinte fato: esse livro não foi escrito em 1930, mas em 1910. Então, por que considerá-lo nessa época e não em seu nascedouro?

Sem abrir mão da maneira como as ideias são historicamente construídas, ou ligadas às obras literárias ao seu tempo histórico, consideramos que algumas delas têm mais longevidade que outras, sendo redescobertas, retraduzidas e reincorporadas para além do seu tempo e espaço. *Através do Brasil* teve mais de 60

²¹⁴ TREVISAN, Anderson Ricardo. *Cinema, história e nação: Humberto Mauro e O Descobrimento do Brasil*, op. cit., p. 220 – grifos do autor.

²¹⁵ TREVISAN, Anderson Ricardo. *Cinema, história e nação: Humberto Mauro e O Descobrimento do Brasil*, op. cit., p. 231 – grifos do autor.

²¹⁶ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias*, op. cit., p. 274.

²¹⁷ TREVISAN, Anderson Ricardo. *Cinema, história e nação: Humberto Mauro e O Descobrimento do Brasil*, op. cit., p. 233.

edições, conforme destacamos, e esse fato tem nos provocado a pensar como outras sociedades, diferentes daquela que lhe deu vida, foi também sua portadora e suporte.

Exemplo de obras literárias longevas são muitas: D. Quixote, Lusíadas, Ilíada e Odisseia, Bíblia, entre outras. Outras obras, menos conhecidas, como *O Castelo de Udolfo*, da autora inglesa Ann Radcliffe, também sobreviveram ao século XVIII gótico e foram gestadas por outras gerações de leitores dos séculos subsequentes.²¹⁸ Todos esses exemplos, na verdade, têm um único sentido: evidenciar que “o tempo impõe um ritmo diferente para alguns escritores de romances”,²¹⁹ permitindo que suas personagens e suas aventuras sejam não apenas reconhecidas por diferentes gerações de leitores, mas ganhando outros matizes pela cor local de cada época. Algo que as palavras-chave nos anunciam. Trata-se, portanto, de um mapa temporal, por onde podemos percorrer e perceber o lugar que determinado livro ocupa num tempo específico, diferente daquele que o viu nascer.

A imprensa do período nos ajuda a evidenciar isso, isto é, como um livro de 1910, reeditado em 1930, pode ser uma obra desse tempo e espaço específicos, ainda que tenha sido escrita vinte anos antes.

Dito isto, pensando no que foi até então apresentado e discutido sobre a palavra-chave “viagem”, faz-se necessário olhar também para a imprensa do período. Para tanto, selecionamos alguns periódicos, tais como os jornais: *A Escola Primaria (RJ) – 1916 a 1938*, *Jornal do Brasil (RJ)* e *o Correio da Manhã (RJ)*, e a forma como repassam *Através do Brasil* ou seus autores e a palavra-chave “viagem”, como um assunto de época.

A análise concentrou-se nos periódicos específicos do Rio de Janeiro, pois foi o local no qual a editora Francisco Alves instalou-se, primeiramente. Portanto, a obra *Através do Brasil* circulou primeiramente ali. Além disso, é importante destacarmos a relevância dada ao jornalismo nos anos 30, “[...] como textos veiculadores de ideologia, sustentadores de dominação”.²²⁰ Contudo, como afirma Nelson S. Araújo:

²¹⁸ Conferir PAIXÃO, Alexandro Henrique. “O gosto literário pelos romances no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro”. In: ABREU, Márcia. *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2016, pp. 272-276.

²¹⁹ Conferir PAIXÃO, Alexandro Henrique. “O gosto literário pelos romances no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro”, *op. cit.*, p. 275.

²²⁰ ARAÚJO, Nelson S. “*Imprensa e Poder nos anos 1930: uma análise historiográfica*”. Anais do VI. Congresso Nacional de História da Mídia, Niterói, 2008, p. 15. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Imprensa%20e%20Poder%20nos%20anos%201930.pdf>> Acesso em: 13/03/2018.

“a imprensa aqui não se limita a apenas reproduzir fatos que ‘aconteceram lá fora’: a seleção das principais notícias em suas páginas, o tom das tintas para alguns assuntos [...] leva a conseqüências de natureza ideológica”.²²¹ Logo, a imprensa é um lugar privilegiado para encontrarmos o sentido de uma época, e como o *Através do Brasil* se comunica com ela.

O jornal *A Escola Primaria (RJ) – 1916 a 1938* traz o catálogo da *Livraria Francisco Alves* de 1931, como se pode observar na (Figura 4) abaixo:

Figura 4: Catálogo da Livraria Francisco Alves de 1931

LIVRARIA FRANCISCO ALVES				
RIO DE JANEIRO	S. PAULO	BELLO HORIZONTE		
Rua do Ouvidor, 166	Rua Libero Badaró, 49 A	Rua da Bahia, 1052		
PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores				
HILARIO RIBEIRO				
Cartilha Nacional.....	\$500	Leituras Preparatorias.....	2\$500	
2° Livro de Leitura.....	1\$000	1° Livro de Leitura.....	2\$500	
3° Livro de Leitura.....	1\$000	2° Livro de Leitura.....	3\$000	
4° Livro de Leitura.....	1\$000	3° Livro de Leitura.....	3\$000	
THOMAZ GALHARDO				
Cartilha da Infancia.....	\$600	4° Livro de Leitura.....	5\$000	
2° Livro de Leitura.....	1\$500	JOAO RIBEIRO		
3° Livro de Leitura.....	2\$500	Autores Contemporaneos.....	4\$000	
EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO			Selecta Classica (em impressão).....	4\$000
1° Livro de Leitura.....	2\$000	ASSIS CINTRA		
2° Livro de Leitura.....	2\$500	Pequenas Historias.....	2\$500	
3° Livro de Leitura.....	3\$000	O. BILAC e M. BOMFIM		
4° Livro de Leitura.....	4\$000	Atravez do Brasil.....	4\$500	
5° Livro de Leitura.....	4\$000	Leitura complementar.....	4\$000	
SERIE PUIGGARI-BARRETO			Livro de composição.....	4\$000
Cartilha Analitica.....	1\$500	CARMEN GILL		
1° Livro de Leitura.....	2\$500	Instrução Civica.....	4\$000	
2° Livro de Leitura.....	3\$000	ALTINA DE FREITAS		
3° Livro de Leitura.....	3\$000	Cartilha.....	2\$000	
4° Livro de Leitura.....	2\$500	ANNA CINTRA		
ANNALDO BARRETO			Eusino Completo de Leitura.....	1\$500
Cartilha das Mães.....	1\$000	A. JOVIANO		
Primeiras Leituras.....	2\$000	Primeira Leitura (para crianças).....	2\$000	
Leituras Moraes.....	2\$000	Primeira Leitura (para adultos).....	2\$000	
FRANCISCO VIANNA			Lingua Patria—1° Livro.....	4\$000
Primeiros Passos na Leitura.....	1\$500	“ “ —2° Livro.....	5\$000	
Cartilha.....	1\$500	“ “ —3° Livro.....	5\$000	
Leitura preparatoria.....	2\$500	MARIA DO CARMO P. NEVES		
1° Livro de Leitura.....	2\$500	Exercicios de Linguagem — (1.,		
2° Livro de Leitura.....	3\$000	2° e 3° annos).....	3\$000	
3° Livro de Leitura.....	3\$000	Exercicios de Linguagem — (4° e		
4° Livro de Leitura.....	4\$000	5° annos).....	4\$000	
JOÃO KOPKE			Exercicios de Linguagem (6° e	
Livro de Leitura.....	2\$000	7° annos).....	4\$000	
1° Livro de Leitura.....	2\$500	MANOEL BONFIM		
2° Livro de Leitura.....	2\$500	Primeiras Saudades.....	4\$000	
3° Livro de Leitura.....	3\$500	Creanças e Homens.....	3\$000	
4° Leitura Practicas.....	4\$000	E. DE AMICIS		
Fabulas (em verso).....	1\$500	Coração.....	3\$000	
D. MARIA ROSA RIBEIRO			AFRANIO PEIXOTO	
Leitura Intermediaria.....	2\$000	Minha Terra e Minha Gente... ..	4\$000	
Leitura para o 2° anno.....	2\$500	BILAC e C. NETTO		
Leitura para o 3° anno.....	2\$500	Contos Patrios.....	3\$500	
Leitura para o 4° anno.....	3\$000	Patria Brasileira.....	3\$500	
ALBERTO DE OLIVEIRA			Theatro Infantil.....	2\$500
Céu, Terra e Mar.....			3\$500	

Fonte: Jornal a Escola Primaria (RJ), 1931.²²²

²²¹ ARAÚJO, Nelton S. "Imprensa e Poder nos anos 1930: uma análise historiográfica", op. cit., p. 15.

²²² A ESCOLA PRIMARIA (RJ) – 1916 a 1938. *Livraria Francisco Alves*. 1931, p. 24. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=097497&pesq=%22Atravez%20do%20Brasil%22&pasta=ano%20193>> Acesso em: 24/10/2017.

Partindo da figura acima, podemos perceber que *Através do Brasil* é citado junto com outros dois livros: *Leitura Complementar* e *Livro de Composição*. As três obras foram escritas pelos autores Olavo Bilac e Manoel Bomfim e destinavam-se ao ambiente escolar. É importante ressaltar também que esse catálogo foi reiterado nesse mesmo jornal, como se pode observar no quadro 3 abaixo:

Quadro 3: Catálogo da Livraria Francisco Alves repisado - 1931 a 1938.

Ano	Repetição
1931	4
1932	9
1933	9
1934	9
1935	6
1936	2
1937	1
1938	1
Total	41

Fonte: Própria Autoria, 2018.

Partindo da leitura simples do quadro, podemos perceber que o catálogo da Livraria Francisco Alves foi repassado 41 vezes de 1931 a 1938 em diferentes edições do jornal. O preço dos livros permaneceu o mesmo no decorrer dos anos. A obra *Através do Brasil* era vendida por 4\$500, que era um preço acessível para a época. Acerca da constância do preço, podemos aventar que a editora pretendia manter o caráter popular do livro.²²³

O *Jornal do Brasil (RJ)*, de 8 de abril de 1932, apresenta o edital *Inspectoria Escolar do Segundo Districto*,²²⁴ no qual foi publicado a lista dos livros que deveriam ser escolhidos para serem adotados nos diversos anos do curso primário. *Através do Brasil* aparece na 7ª posição para ser utilizado nas turmas do 5º ano.

²²³ Agradeço a Aníbal Bragança por chamar atenção para essas questões e compartilhá-las.

²²⁴ JORNAL DO BRASIL (RJ). *Inspectoria Escolar do Segundo Districto*. 8 de Abril de 1932, p. 31. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=%22Atravez%20do%20Brasil%22&pasta=ano%20193> Acesso em: 24/10/2017.

O jornal *Correio da Manhã (RJ) – 1936 a 1939*, de 16 de outubro de 1936, traz a matéria *O Escotismo*²²⁵. *Através do Brasil* é citado junto com outros livros, como “Robinson Crusóé”, “D. Quixote” e “Viagens de Guliver”. Os livros faziam parte da biblioteca escoteira e os escoteiros poderiam tirá-los pelo prazo de uma semana e leva-los para casa. As obras são caracterizadas como “leitura atraente e sadia”.²²⁶

Como vemos, o nome de *Através do Brasil* circula pela imprensa do período e é apresentado como uma leitura atraente e sadia daquele tempo. Se essa obra chegou a configurar práticas de leitura na época, isso não podemos saber, pois não tivemos acesso a testemunhos de leitura. Contudo, as evidências apontam para a circulação de notícias atreladas ao advento do livro, mostrando seu lugar naquele tempo entre as obras com uma missão específica: construir a nação ao fazer literatura, conforme nos ensina Antônio Candido no Prefácio da 2ª Edição do seu livro capital *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*.²²⁷

Esse espírito missionário anima a imprensa do período, mesmo em reportagens nenhum um pouco relacionadas com *Através do Brasil*, mas que anunciam um mesmo espírito de época: as “viagens de descobertas”.

Refiro-me, para dar apenas dois exemplos, primeiro, a uma notícia de 01 de janeiro de 1930, quando o *Jornal do Brasil (RJ)* traz a matéria *Regresso da missão científica franceza*²²⁸ no qual fala sobre o retorno da missão científica à capital francesa, que foi chefiada pelo Sr. Vellard. A “viagem” foi descrita como sendo proveitosa, “especialmente no que diz respeito à ethnographia daquela região e ao estudo dos animaes venenosos”.²²⁹ Nesse mesmo jornal, no dia 28 de dezembro de 1935, na matéria *O cruzador francês “D’Entrecasteaux”*²³⁰, a palavra-chave “viagem” aparece escrita uma única vez. Relaciona-se com o cruzeiro de instrução feito pelo

²²⁵ CORREIO DA MANHÃ (RJ) – 1936 a 1939. *Escotismo*. 16 de Março de 1936, p. 12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Atravez%20do%20Brasil%22&pasta=ano%20193> Acesso em: 24/10/17.

²²⁶ CORREIO DA MANHÃ (RJ) – 1936 a 1939. *Escotismo*, op. cit., p. 12.

²²⁷ CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, p. 18.

²²⁸ JORNAL DO BRASIL (RJ) – 1930 a 1939. *Regresso da missão científica franceza*. 1 de Janeiro de 1930, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=%22viagem%22&pasta=ano%20193> Acesso em: 26/10/2017.

²²⁹ JORNAL DO BRASIL (RJ) – 1930 a 1939. *Regresso da missão científica franceza*, op. cit., p. 7.

²³⁰ JORNAL DO BRASIL (RJ) – 1930 a 1939. *O cruzador francês “D’Entrecasteaux*. 28 de Dezembro de 1935, p. 11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&PagFis=22&Pesq=%22viagem%22> Acesso em: 26/10/2017.

D'Entrecasteaux pelos mares da América do Sul, que prosseguiu “em sua viagem com destino aos portos de Buenos Aires e de Montevideú”.²³¹

As “viagens de descobertas” perfazem essas notícias e emolduram a imprensa do período, trata-se de um modo de ver específico: é preciso descobrir determinados territórios. Pensando nisso, “viajar” é preciso para desbravar novos territórios, novas descobertas, como as que fazem Carlos e Alfredo.

Diante disso, com os dados apresentados é possível perceber que a palavra-chave “viagem” é um modo de ver específico que se traduz em um assunto de época. Aparece nas notícias dos jornais, nas publicações das revistas e nas imagens. Nestes termos, aquilo que mencionamos sobre a presença da palavra-chave “viagem” em *Através do Brasil* encontrou terreno fértil para a produção da obra nesse período. Mas não apenas isso. Trata-se de uma “nota dominante”, algo que perpassa também a redescoberta das “viagens pitorescas” no Brasil, justamente numa época em que o país se abre para o futuro, uma “viagem” ao desconhecido, ao novo, já que o passado, recém deixado para trás, é chamado na historiografia de “velho”, isto é, de República Velha.

Manoel Bomfim e Olavo Bilac ao reeditarem *Através do Brasil* em 1931, trabalham com a temática da “viagem” num mesmo entusiasmo que está refratado na imprensa do período, combinando com essa nota característica da época.

Capítulo 3: Palavra-chave “mulato”

Neste capítulo, vamos nos concentrar em discutir a palavra-chave “mulato”, que aparece no nosso romance no Capítulo VIII “A fazenda” e no Capítulo XIII “Um novo companheiro”. Vale destacar também, que ela é representada na história pelo personagem Juvêncio.

Para começarmos, vamos avançar no interior do livro e iniciar nossas análises da palavra-chave “mulato” do fim para o começo, isto é, do capítulo XIII em direção ao capítulo VIII. Primeiro, porque a “palavra-chave “mulato” aparece citada uma única vez no Capítulo XIII “Um novo companheiro”; segundo, porque o tipo de representação

²³¹ JORNAL DO BRASIL (RJ) – 1930 a 1939. *O cruzador francês “D’Entrecasteaux, op. cit.*, p. 11.

que se dá em torno desse tipo social nessa parte do livro é decisivo para adentrarmos no contexto da década de 1930.

Nesse capítulo, o sentido de “mulato” é fortemente empregado para caracterizar morfologicamente o personagem Juvêncio, conforme podemos observar no fragmento abaixo:

Era um rapazinho de dezesseis ou dezeseite annos, vestido á moda do sertão: camisa de algodão grosso branco, paletó e calças de algodão riscado, sapatos e chapéo de couro vermelho. O typo era sympathico, moreno, entre caboclo e mulato, - de rosto largo, bocca rasgada, olhos vivos e inteligentes.²³²

Nesses termos, o que podemos dizer sobre esse personagem? A resposta vem de Antônio Candido, de quem emprestaremos o termo “personagem esférico”. As personagens esféricas: “[...] se reduzem ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender”.²³³

Juvêncio é esse tipo de personagem, nada central, ao contrário, é posto propositalmente à margem, mas nos surpreende ao longo da narrativa por circundar as personagens principais e dar sentido ao fato narrado. Era um menino pobre e considerado inteligente, como todos iguais a ele. Sua sina é conhecida de tipos sociais como ele: superar cada dificuldade que encontra pelo caminho é seu destino.

No decorrer da história, demonstra inúmeros traços de sua personalidade, nos surpreendendo a cada episódio tendo em vista que novas características são dadas a este personagem esférico. Tais informações pouco se conectam com o que vem antes, dando uma dimensão sempre inédita da experiência, como se o lastro cultural, o passado, a memória, não fosse uma realidade, ou seja, ser “mulato” é não ter história.

Assim, se o sentido da verossimilhança, o sentimento da realidade, segundo Candido, depende da unificação do fragmentário pela organização coerente do contexto interno da obra, os acasos devem ser dispersos, para que o narrado se torne

²³² BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias, op. cit., p. 70.*

²³³ CANDIDO, Antônio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. *A Personagem de Ficção*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2009, p. 63.

coeso e apreensível.²³⁴ Contudo, com as personagens esféricas isso é mais difícil, pois o elemento surpresa é desconcertante muitas vezes.

Por isso, para que possamos compreender o personagem Juvêncio na obra, é fundamental apresentar outros elementos constitutivos do livro e da época em que este personagem tem existência ficcional. Isso também nos ajudará a responder porque o “mulato” precisa brigar e desaparecer.

No momento da reedição de *Através do Brasil*, outros autores, como Gilberto Freyre apresentaram uma mesma palavra-chave em suas obras: “mulato”. Em *Sobrados e Mucambos*²³⁵, cuja primeira edição é de 1936, encontramos esse vocábulo de época:

Assim o mulato – especialização sobretudo social, com defeitos aparentemente mentais e de temperamento que, vistos de perto, se revelam principalmente sociais. E o mulato é, em traços mais evidentes, o que a raça é, em traços mais pálidos: a negação do biologicamente estático no homem ou no grupo. A afirmação mais viva do socialmente dinâmico. A afirmação mais clara da mobilidade biológica das raças.²³⁶

Comparando a assertiva de Freyre, sobre o tipo “mulato” e suas características mentais e de temperamento, com o qual descrevem Bilac e Bomfim, também sobre Juvêncio, como um “typo sympathico... olhos vivos e inteligentes”, vemos que as análises morfológicas predominam nos dois casos, como uma forma característica de descrever um tipo social. Todavia, há um contraste entre as duas maneiras de caracterizar um mesmo tipo: enquanto a assertiva de Freyre constrói uma explicação social e biológica do tipo social envolta em juízos de valores bastante pejorativos, afinal, os “mulatos” tem “defeitos”, *Através do Brasil* apresenta o “mulato” como um tipo sagaz e simpático, um personagem esférico, isto é, composto por inúmeras facetas.

Assim, a despeito dos diferentes sentidos, “mulato” é uma palavra-chave de uma obra capital da década de 1930, *Sobrados e Mucambos*²³⁷. E estava presente

²³⁴ CANDIDO, Antônio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. *A Personagem de Ficção*, op. cit., p. 79.

²³⁵ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2004.

²³⁶ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*, op. cit., p. 806.

²³⁷ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*, op. cit., 2004.

também no *Através do Brasil* reeditado em 1931. Parte-se, portanto, da proposição que ao ser reeditado na mesma época e com temas e situações afinadas com as notas dominantes de Gilberto Freyre, como “raça”, “meio social”, “lógicas espaciais”, *Através do Brasil* contribui também para as notas do pensamento dominante no período. Afinal, Freyre nas casas, nos sobrados, nos mucambos, nos convida a pensar a lógica dos espaços, bem como insere o personagem “mulato” nessas inúmeras dimensões espaciais.²³⁸ Bilac e Bomfim, como vimos no primeiro capítulo, constroem uma importante geografia literária e inserem o “mulato” num grande mapa espacial do Brasil. A lógica espacial combinada com a introdução de um personagem específico, acabam dando lugar a um tipo nacional da década de 1930: o “mulato”.

É importante ressaltar também, que ele já aparecia em *Através do Brasil* em 1910. Contudo, nossa proposição é que sua presença não era uma nota dominante, como ocorre na década de 1930, graças à presença da sociologia de Gilberto Freyre e todo o debate nacional que ela passa a encabeçar nesse momento através da discussão de cultura e miscigenação.

[...] distinguindo raça de cultura e por isto valorizando em pé de igualdade as contribuições do negro, do português e — em menor escala — do índio, nosso autor ganha forças não só para superar o racismo que vinha ordenando significativamente a produção intelectual brasileira mas também para tentar construir uma outra versão da identidade nacional [...].²³⁹

A síntese é de Ricardo Benzaquen, que nos insere no núcleo da análise freyriana como uma nota dominante da década de 1930: a identidade nacional passa pelo reconhecimento do mestiço, vulgo “mulato”, como um tipo social decisivo na formação nacional.

Gilberto Freyre, portanto, ao analisar a sociedade brasileira vai procurar constituir uma identidade coletiva, que é formada pelos laços de diferentes grupos que compunham a nação. Entretanto, essa dimensão:

[...] Não é aqui aplicada somente ao fruto do intercâmbio entre as diversas raças que povoaram o Brasil, como nos habituamos a imaginar. Ao contrário,

²³⁸ No estudo sobre a formação do público literário na província de São Paulo, Paixão, lendo Gilberto Freyre, chama atenção para a “lógica dos espaços” como constitutivos da narrativa freyriana. Ver PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Leitores de Tinta e Papel, op. cit.*, p. 254.

²³⁹ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994, p. 30. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/237036/mod_resource/content/1/BENZAQUEN%2C%20Ricardo.%20Corpo%20e%20Alma%20do%20Brasil.pdf> Acesso em: 13/03/2018.

em um deslocamento quase surpreendente, ela é destinada sobretudo ao próprio português, que perde inapelavelmente a sua identidade de branco “puro”, passando então a ser encarado como um personagem *híbrido*, resultado de um amálgama iniciado antes, muito antes do seu desembarque no continente americano.²⁴⁰

Isso acontece, primeiramente, pela própria localização geográfica de Portugal. “[...] Situado em uma das fronteiras da Europa, rota de passagem para a África e portanto cenário natural de um enorme número de cruzamentos étnicos e culturais”.²⁴¹ Os povos, segundo Ricardo Benzaquen de Araújo, (desde a pré-história até a ocupação moura) converteram a “Península Ibérica e em especial a sua face lusitana em um local de intensos encontros, contatos nem sempre pacíficos mas ainda assim capazes de produzir mútuas e duradouras influências”.²⁴² Assim, segundo Benzaquen de Araújo, a miscigenação não acontecia em uma percepção essencialmente cromática.²⁴³ Ao contrário, as propriedades singulares de cada povo não são separadas e o novo ser que nasce é uma síntese das diversas características que se fundem na sua composição humana e espacial. Contudo, é importante ressaltar também que as duas assertivas sobre a miscigenação, já citadas correspondem a um vocabulário de época, especificamente de 1930.

O português, conforme afirma Benzaquen de Araújo, é resultado desse processo, de maneira que ao iniciar seus trabalhos de colonização:

Deslocando-se com rapidez, deitando-se com qualquer raça e aceitando todos os climas, o português realiza a proeza de não só se multiplicar e assegurar a sua presença nas mais longínquas regiões do planeta mas também a de fazê-lo através de um tipo singular de colonização, baseada em um íntimo contato com as terras e os povos por ele conquistados.²⁴⁴

Dessa maneira, houve uma reciprocidade entre as culturas. Segundo afirma Freyre, talvez em nenhum outro país foi possível “ascensão mais rápida de uma classe

²⁴⁰ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, op. cit., p. 43 – grifo do autor.

²⁴¹ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, op. cit., p. 43.

²⁴² ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, op. cit., p. 44.

²⁴³ Como exemplo, o amarelo e o azul, mesmo combinados preservariam as suas tonalidades originais. Assim sendo, não seguiriam o que determina a natureza: a mistura do azul com o amarelo, sempre resulta no verde.

²⁴⁴ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, op. cit., p. 46.

a outra: do mucambo ao sobrado. De uma raça a outra: de negro a “branco” ou a “moreno” ou “caboclo”. De uma região a outra: de cearense a paulista”.²⁴⁵ Além disso, segundo afirma Gilberto Freyre:

[...] Verificou-se não só a ascensão do mulato escravo, dentro das casas-grandes, onde eram os preferidos para pajens e mucamas, como do mulato livre, nas cidades e na Corte. Sua urbanização foi mais rápida que a do negro livre, em consequência da seleção social se dirigir sempre no sentido não só do indivíduo de pele mais clara e de aparência mais europeia, como de formação ou traquejo também mais europeu.²⁴⁶

Essa ascensão do “mulato” aconteceu através de diferentes processos de aprendizagem e desenvolvimento. Alguns “mulatos” se tornaram bacharéis e estudaram em Coimbra ou nas Academias do Império. Outros tornaram-se soldados, alfaiates, pedreiros, dentre outras profissões, todos estes eventos atrelados a algum tipo de ofício ou instrução.²⁴⁷

Entretanto, não podemos considerar que essa ascensão social do “mulato” aconteceu somente pelo acesso ao ambiente escolar. A obra *Através do Brasil*, reeditada em 1931, nos dá outra dimensão do problema: apresenta o personagem Juvêncio como um homem esperto e considerado inteligente. Ele aparece retratado na ideia de um personagem que detém um saber não adquirido na escola, mas na vida, no ambiente de sociabilidade, dentro de cada ofício desempenhado. Ou seja, mesmo não frequentando o ambiente escolar em seu espaço físico, o “mulato” aprendeu em seu próprio ambiente de trabalho. Segundo afirma Sarita Maria Affonso Moysés:

Como leitores ouvintes, o que os define, nessa forma socializada de leitura, ainda é o vínculo dessa leitura/escrita com o trabalho. Principalmente nos espaços urbanos, pela inserção no mercado de trabalho, onde os escravos de ganho aprendem não só a língua, mas a contar.²⁴⁸

²⁴⁵ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano, op. cit.*, p. 802.

²⁴⁶ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano, op. cit.*, p. 748.

²⁴⁷ Conferir FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano, op. cit.*, p. 792.

²⁴⁸ MOYSÉS, Sarita Affonso. *Literatura e história Imagens de leitura e de leitores no Brasil do Século XIX*. Revista Brasileira de Educação, Set/Out/Nov/Dez Nº 0, 1995, p. 59.

A partir da oralidade, ou seja, no contato que tiveram com o branco em seu ambiente de trabalho, o “mulato” tornou-se ouvinte das leituras que eles faziam. Essas leituras aconteciam nos folhetins, como também nas canções, dentre outras situações. Contudo, elas aconteciam a partir da voz e não a partir do texto propriamente escrito.

Dessa maneira, desses cantarejos “[...] com os ês da fonética de tal método de leitura, dessa mistura com textos religiosos de estruturas, orações e desinências latinas, se traça uma certa orientação para a textualidade”.²⁴⁹ Assim, a relação com a leitura pelo “mulato”, isto é, pelo homem pobre e trabalhador, não acontecia no texto e sim pela voz. Isso fez com que ele criasse também um tipo de saber específico acerca da escrita, que sucedia em encontrar no texto essa oralidade e a relação som letra.

Talvez, por isso, pensando na figura do “mulato”, Manoel Bomfim e Olavo Bilac construíram uma trova em *Através do Brasil* colaborando assim para esse tipo de interpretação que estamos apresentando.

Vejamos a trova:

Já chegou, já está cantando:
Canta no seco e na lama;
Caboclo, tome sentido!
Quero ver a sua fama!

Quero ver a sua fama,
Diz você; pois ha-de ver:
Mulato, chegou seu dia,
Você tem de padecer.
Você tem de padecer...

Quem de nós padecerá?
Caboclo a mim não me espanta,
Nem mesmo do Ceará!²⁵⁰

Não trataremos aqui dos elementos formais desta trova. Nos importamos, antes, com o sentido de “rixa” presente no trecho em destaque e como esse está atrelado à figura do “mulato”. Nota-se que o caboclo “chama” o “mulato” para uma disputa na qual deixa evidente a intenção de eliminá-lo, ou seja, de derrotá-lo no jogo de palavras. Este, por sua vez, não demonstra sinais de acovardamento, pelo

²⁴⁹ MOYSÉS, Sarita Affonso. *Literatura e história Imagens de leitura e de leitores no Brasil do Século XIX*, op. cit., p. 60.

²⁵⁰ BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Atraves do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso medio das Escolas Primárias*, op. cit., p. 50 – grifo dos autores.

contrário, mostra-se corajoso para o enfrentamento. Porém, o que merece atenção é que na trova o personagem “mulato” precisa desaparecer. E por quê? Isso se refere “à rixa entre brancos e negros”,²⁵¹ algo característico da sociedade brasileira, conforme sínteses de Sidney Chaloub.

O assunto remonta o processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro e a formação da classe trabalhadora assalariada após o fim da escravidão e as duas primeiras décadas do século XX. Houve o alargamento de avenidas, dentre outras reformas, que fez com que as camadas abastadas ficassem bem estabelecidas na malha urbana, enquanto as camadas populares se concentrassem nos cortiços e nas periferias, onde faltava na maioria das vezes, saneamento básico e condições mínimas de higiene. Isso foi feito para se “passar” uma imagem de progresso, que como afirma Sidney Chaloub:

[...] significava exclusivamente acompanhar os padrões e o ritmo de desdobramento da economia européia, ou seja, a imagem que a nova burguesia carioca tinha do “progresso” se sintetizava no precípua de realizar a civilização européia nos trópicos.²⁵²

Nesse sentido, houve uma preocupação em incutir o “gosto” pelo trabalho nas camadas populares de forma a combater a vadiagem e a ociosidade na cidade. Isso dizia respeito também aos espaços de lazer por eles frequentados: como o quiosque e o botequim. “Eram tidos” como lugares de vadiagem e por isso deveriam ser combatidos.

Com isso, podemos inferir que o sentido apresentado na trova analisada, no qual o “mulato” precisava desaparecer, demonstra seu lugar à margem da sociedade. Nesse caso, numa sociedade rural, pois a intriga, a rixa, entre o caboclo e o “mulato” se passam, podemos sugerir, no sertão do Ceará, não cidade. Fazemos essa afirmativa considerando que o caboclo, segundo definição do dicionário Houaiss²⁵³, é caracterizado como um personagem tipicamente agreste ou rural.²⁵⁴

²⁵¹ O termo é utilizado por Sidney Chaloub em seu livro *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. In: CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001.

²⁵² CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*, op. cit. p. 251.

²⁵³ HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Coautoria de Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Mello Franco. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2009.

²⁵⁴ Segundo o dicionário Houaiss, o significado de caboclo é o “[...] indivíduo (esp. habitante do sertão) com ascendência de índio e branco e com os modos desconfiados; caipira, roceiro, matuto [...]”. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, op. cit., p. 348.

Vale lembrar que, por vezes, o desaparecimento ou o “padecer” - para usar a palavra da trova - significava a morte do “mulato”, uma vez que a rixa podia envolver violência física ou não. Para as pessoas ali envolvidas era uma forma de resolverem seus problemas ou desavenças com as outras pessoas. Sendo assim, elas aconteciam em lugares públicos, seja nos quiosques ou botequins, pois eram lugares comuns frequentados tanto por “mulatos” como por brancos mestiços, como os caboclos. Os conflitos ocorriam “pelos mais variados motivos, desde os problemas ligados ao trabalho e habitação, passando pelas questões de amor e de relações entre vizinhos [...]”.²⁵⁵ No caso da trova, o cenário, insistimos, é o sertão, e a dura disputa pela sobrevivência em terras secas e escassas de “trabalho e aventura”.

Fazemos essa última afirmação, lembrando de uma outra nota dominante na literatura sociológica da década de 1930. Nessa época, outro livro importante – *Raízes do Brasil* (1936) - estrutura esse sentido através da caracterização de alguns tipos sociais. Segundo André Goldfeder e Leopoldo Waizbort podemos definir os tipos sociais como: “[...] a objetivação conceitual das formas de ação determinadas pelas estruturas de personalidade peculiares aos agentes históricos”.²⁵⁶ Assim, em *Raízes do Brasil*, a construção de uma interpretação do processo de formação da sociedade brasileira ocorreu por meio de uma perspectiva de análise “que procura conjugar estrutura de personalidade e estrutura social [...]”²⁵⁷, ou seja, segundo Waizbort, acorda e articula as transformações da estrutura da personalidade com as estruturas da sociedade – psicogênese e sociogênese.²⁵⁸

Ancorou-se no efeito configurador que a colonização teria exercido na nossa formação e “[...] seria composto pelo espírito da aventura e pela ordem do semeador”.²⁵⁹ O primeiro, consiste em uma ânsia pelo objeto final e na valorização do esforço em prol de recompensas rápidas. O segundo refere-se à uma mudança da realidade “por meio de construções de espírito humano e na aceitação de uma ordem

²⁵⁵ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*, op. cit., p. 312.

²⁵⁶ GOLDFEDER, André; Waizbort, Leopoldo. “Sobre os ‘tipos’ em *Raízes do Brasil*”. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 49, Março/ Setembro 2009, p. 26. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/download/34638/37376>> Acesso em: 25/03/2018.

²⁵⁷ WAIZBORT, Leopoldo. “O mal-entendido da democracia”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Volume 26, n. 76, Junho/2011, p. 40. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n76/03.pdf>> Acesso em: 25/03/2018.

²⁵⁸ Conferir WAIZBORT, Leopoldo. “O mal-entendido da democracia”, op. cit., p. 40.

²⁵⁹ GOLDFEDER, André; Waizbort, Leopoldo. “Sobre os ‘tipos’ em *Raízes do Brasil*”, op. cit., p. 29.

baseada na aceitação da vida como ela é, no desleixo e na liberdade, [...]”.²⁶⁰ Esse “espírito do colonizador português”, segundo Waizbort, criou condições para cristalizar o modelo interpretativo de configuração do Brasil, “[...] com o transplante de estruturas da metrópole para a colônia e, ainda, com a criação de condições estruturais na nova sociedade que permitiram a realização desse desenvolvimento”.²⁶¹

Nesse sentido, no capítulo dedicado ao “Trabalho e Aventura”, Sérgio Buarque de Holanda destaca o lugar de exclusão que os “mulatos” ocupavam no Brasil colonial, pois havia “aquela ordem régia de 1726, que vedava a qualquer mulato, até a quarta geração, o exercício de cargos municipais em Minas Gerais, tornando tal proibição extensiva aos brancos casados com mulheres de cor”.²⁶²

O binômio trabalho e aventura se refrata no tipo português colonizados de Buarque de Holanda. Em outras palavras, “[...] a hipótese aqui é que a sina de todo emigrante português (e seus herdeiros) é ser bem-aventurado”.²⁶³ Assim, ao chegarem no Brasil, esses imigrantes desempenharam um trabalho, que é visto como um ofício. Como caixeiros, trabalhavam em locais que não eram fixos e nem previamente pré-determinados. Ao contrário, ele acontecia por meio de relações mútuas, situações compartilhadas e “os aspectos intrincados de sociabilidade, tudo se esvazia e se resolve em função de uma lógica pessoal e de trocas de favores”.²⁶⁴

Desta maneira, podemos perceber nesse imigrante português as qualidades próprias do aventureiro, que guardadas as proporções, podemos aproximar do espírito da aventura no qual nos apresenta Sérgio Buarque de Holanda em seu livro *Raízes do Brasil*²⁶⁵, já mencionado. Todavia, sentimos em nosso personagem esférico de *Através do Brasil* os mesmos elementos constitutivos. Juvêncio trabalha e se aventura pelo Brasil ao lado de dois outros meninos, fazendo jus a sua sina de aprendiz e de destino incerto. Essas peripécias, próprias de um menino de dezessete anos, na

²⁶⁰ GOLDFEDER, André; Waizbort, Leopoldo. “Sobre os ‘tipos’ em *Raízes do Brasil*”, *op. cit.*, p. 30.

²⁶¹ GOLDFEDER, André; Waizbort, Leopoldo. “Sobre os ‘tipos’ em *Raízes do Brasil*”, *op. cit.*, p. 33.

²⁶² HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Trabalho e aventura”. In: *Raízes do Brasil*. 15. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, p. 55.

²⁶³ PAIXÃO, Alexandro Henrique. “*Memórias de um Sargento de Milícias. Educação primária e trabalho livre no tempo d’el-rei*”. Pro-posições, V. 27, N. 3 (81) / Set. Dez, 2016, p. 143. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072016000300121&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 25/03/2018.

²⁶⁴ PAIXÃO, Alexandro Henrique. “*Memórias de um Sargento de Milícias. Educação primária e trabalho livre no tempo d’el-rei*”, *op. cit.*, p. 122.

²⁶⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “*Raízes do Brasil*”. 15. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

verdade, são sinônimos de muitas tensões, brigas, conflitos, rixas, algo que acompanha a existência do tipo “mulato” desde o período da colônia, conforme nos ensina Buarque de Holanda.

Assim sendo, o sentido de aventura que nos referimos é o de explorar o desconhecido, ascender a novas posições sociais, ultrapassar fronteiras, o que nos remete ao sentido de “viagem” que discutimos no capítulo 2, embora agora combinado à palavra-chave “mulato”.

Nesse sentido, podemos inferir que apesar da discriminação de cor ou raça e a proibição existente, como a lei régia de 1726 já mencionada, o “mulato” se aventurou pelo Brasil e enfrentou as adversidades que encontrasse pelo caminho. Essa aventura é marcada por incertezas e mudanças constantes. Desta maneira, houve o reconhecimento de alguns de seus direitos, feito pelo governo a partir de 1755. Isso fez com que eles tivessem acesso a determinados cargos.²⁶⁶ O “mulato” ascendeu também, a novas posições sociais na sociedade brasileira, através dos mais variados trabalhos considerados artesanais, como exemplo os sapateiros, os oleiros, dentre outros.

Além disso, é importante ressaltarmos também, a presença marcante da imagem social desse tipo na sociedade brasileira. A imprensa do período nos dá testemunho disso:

O Jornal do Brasil, no dia 6 de dezembro de 1930, trouxe o poema de Graça Aranha: “Que importa que sejas branco, mulato ou preto! Sob a tua pelle ferve o sangue novo. Que importa que sejas ou não nascido nessa terra! Tu és o homem revolucionário, tu és o meu irmão, tu és o criador do novo Brasil”.²⁶⁷

O Jornal do Brasil, de 31 de janeiro de 1934, na matéria *Registro Literario* afirma:

- Fulano de tal (senhor de engenho), é mulato, não é? está-se vendo.

²⁶⁶ Conferir VILAR, Leandro. “*Raízes do Brasil – uma síntese*”. 20 de Agosto de 2012, S/a. Disponível em: <<http://seguindopassoshistoria.blogspot.com.br/2012/08/raizes-do-brasil-uma-sintese.html>> Acesso em: 12/01/2018.

²⁶⁷ ARANHA, Graça. *O Rio ouviu pelo radio o seu “Canto do Revolucionario”*. In: JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro: RJ, 6 de Dezembro de 1930, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=Mulato&pasta=ano%2019> Acesso em: 16/04/2017.

- Foi mulato, sim, senhor, mas agora não é mais.

Entrara na aristocracia dos senhores, que deram os chefes políticos, os grandes do Imperio, deputados e senadores, alguns do beiçolas, narizes chatos e pichain evidente.

Esses mulatos generalizam-se prolíficos e foram êles que fizeram a Abolição, a Republica, sanearam as cidades, progrediram enfim.²⁶⁸

Esse mesmo jornal, no dia 3 de março de 1935, na matéria *Auto-Lotação* do autor Joaquim Thomaz fala “mulato enciclopédico o bacharel, o senhor Mendonça, Carloi”.²⁶⁹ Trata-se de um verdadeiro testemunho de época sobre o papel do “mulato” na sociedade de classe brasileira, um papel de coadjuvante, esférico, surpreendente, assim como o personagem Juvêncio de *Através do Brasil*, reeditado nesta mesma época.

A *Revista da Semana* de 01 de outubro de 1938 afirma:

Quando o nascimento, as alianças, as riquezas ou o mérito pessoal permitem que um Mulato aspire a collocações, é raro ou nunca sucede que a côr ou a mistura do sangue sejam para ele um obsttáculo. Mesmo de matiz mais carregado, é inscripto como Branco, e como tal figura não só nos papeis que lhe entregam como ainda em toda sorte de negocio, e de então por deante está apto para todos os empregos. Seria facil citar numerosos exemplos de homens que occupam os mais destacados logares e que se contam entre os funcionarios mais habeis, embora o seu aspecto exterior revele, indubitavelmente, o sangue indio ou africano que lhes corre nas veias. No paiz, isso não suscita diffículdade alguma, e quando se fala no caso é quasi sempre para responder á pergunta de um estrangeiro e nunca como espirito de mofa ou de descredito.²⁷⁰

Com os dados apresentados é possível perceber como a questão do “mulato” é um assunto de época. Manoel Bomfim e Olavo Bilac, a respeito de terem escrito *Através do Brasil* em 1910, passados alguns anos, em 1930, trabalham com essa temática através do personagem Juvêncio, que parece em destaque, e pôde explicar

²⁶⁸ JORNAL DO BRASIL. *Registro Literario*. Rio de Janeiro: RJ, 31 de Janeiro de 1934, p. 10. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=Mulato&pasta=ano%20193> Acesso em: 16/04/2017.

²⁶⁹ JORNAL DO BRASIL. *Registro Literario*. Rio de Janeiro: RJ, 31 de Janeiro de 1934, p. 14. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=Mulato&pasta=ano%20193> Acesso em: 16/04/17.

²⁷⁰ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro: RJ, 1 de Outubro de 1938, p. 98. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_03&pesq=Mulato&pasta=ano%20193> Acesso em: 16/04/17.

a reedição desse livro. Mas não apenas isso. A própria imprensa do período recupera o papel do livro para a literatura brasileira e a instrução.

Além disso, é importante ressaltar também que a imprensa cria formas de representações. São abstrações, imagens sociais de uma época, tal conforme afirma Raymond Williams: Devemos vê-las como interpretações: “modos de descrever a organização e de conceber as relações, algo necessário para estabelecer a realidade da vida social, mas também sujeito à pressão contínua da experiência”.²⁷¹

Tais imagens extraídas de diferentes fontes impressas e combinadas com aquilo que vimos em *Através do Brasil*, constroem uma imagem em comum, uma comunidade de experiências. Se quisermos outro esquema explicativo, vemos construir uma comunidade imaginada em torno da fisionomia do “mulato”. Nós lemos o que os outros leem, escreve Benedict Anderson.²⁷² Essa imagem social, corresponde a uma nação, aquela que é representada em *Através do Brasil*. Nesses termos, podemos considerar que o livro de Bilac e Bomfim é confirmação não somente de um interesse editorial, ele também ajuda a recriar um imaginário sobre um tipo social específico, presente dentro e fora do texto.

Dentro do texto já vimos vários exemplos, agora, para terminar, vejamos alguns exemplos do contexto através do *Censo Demográfico: Estados Unidos do Brasil*.²⁷³ Segundo o *Censo* a população brasileira total entre 1930 - 1940 era de 41.236.315 pessoas, composta por: 26.171.778 brancos, 14.780.234 pretos e pardos; 242.320 amarelos e 41.983 de cor não declarada. Além disso, 13.292.605 pessoas sabiam ler e escrever e 27.735.140 não sabiam ler e nem escrever. Isso pode ser observado no quadro 4 abaixo:

²⁷¹ “Debemos verlas como interpretaciones: modos de describir la organización y de concebir las relaciones, necesarios para establecer la realidad de la vida social pero también sujetos a la presión continua de la experiencia”. WILLIAMS, Raymond. “Imágenes de la Sociedad”. In: *La larga revolución*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003, p. 105.

²⁷² ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

²⁷³ IBGE. *Censo demográfico população e habitação: quadros de totais para o conjunto da união e de distribuição pelas regiões fisiográficas e unidades federadas*. Rio de Janeiro, 1950, p. 1. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_v2_br.pdf> Acesso em 01/05/2017.

Quadro 4: População de fato, na data dos recenseamentos gerais do Brasil, sua densidade e distribuição segundo o sexo, grupos de idades e outros caracteres individuais apurados.

Especificação de 1930 a 1940	Pessoas de 1930 a 1940	Porcentagem de 1930 a 1940
População total	41.236.315	100%
Habitantes por km ²	4,84	-
Cor		
Pretos e pardos	14.780.234	35,84%
Brancos	26.171.778	63,47%
Amarelos	242.320	0,59%
De cor não declarada	41.983	0,10%
Instrução		
Sabem ler e escrever	13.292.605	32,24%
Não sabem ler e nem escrever	27.733.140	67,26%
De instrução não declarada	208.570	0,50%

Fonte: IBGE (Adaptado).²⁷⁴

Com os dados apresentados, podemos perceber que mais da metade da população brasileira era composta por mestiços, os chamados “mulatos”, e que corresponde a 35,84%. Vale mencionar que 32,24% da população sabiam ler e escrever e 67,26% não eram alfabetizadas.

Essa realidade, na verdade, impulsionará uma série de reformas e projetos voltados à educação na sociedade brasileira: a reforma do ensino secundário de 1942; o projeto da “universidade-padrão” e a implantação do ensino industrial. Foram nesses três projetos que o governo se concentrou principalmente nas reformas educacionais ocorridas a partir de 1937, dedicadas aos tipos populares, dentre os quais podemos aventar a presença marcante do tipo social “mulato”.

O ensino secundário “deveria ter um conteúdo essencialmente humanístico, estaria sujeito a procedimentos bastante rígidos de controle de qualidade, e era o único que dava acesso à universidade”.²⁷⁵ Foi ministrado também tanto em escolas particulares como nas redes estaduais. Com as reformas feitas houve uma

²⁷⁴ IBGE. *Tabela: População de fato, na data dos recenseamentos gerais do Brasil, sua densidade e distribuição segundo o sexo, grupos de idades e outros caracteres individuais apurados, op. cit.*, p. 1.

²⁷⁵ SCHWARTMAN, Simon. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 206.

predominância da formação humanista clássica, que era o latim e o grego. E o cuidado de se:

Substituir o aprendizado de física, química e ciências biológicas pelo estudo dos discursos e relatos heroicos de cidadãos e soldados na construção de impérios, mesmo póstumos. Este seria o tipo de formação adequada aos futuros “condutores das massas.”²⁷⁶

Além disto, houve a obrigatoriedade da frequência à escola secundária, como afirma Simon Schwartzman:

[...] Que seria o processo através do qual assegurava-se que as novas gerações se sentariam nos bancos escolares e neles permaneceriam o período suficiente para o aprendizado de uma cultura comum, que transmitisse a consciência de que pertenciam a uma nação comum e de que eram responsáveis pela manutenção e difusão de seus valores ao resto da população.²⁷⁷

É possível perceber que a frequência à escola era uma prática que não ocorria de forma concreta em todas as escolas secundárias. Contudo, além da reforma do ensino secundário houve também a criação de um grande projeto universitário. Trata-se da Universidade do Brasil que “teria como seus principais objetivos implantar em todo o país um padrão nacional e único de ensino superior, ao qual a própria USP se deveria amoldar”.²⁷⁸

Essa nova Universidade teve como novos elementos a criação da Faculdade Nacional em Filosofia e a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, que em setembro de 1945 passa a ser a Faculdade Nacional de Ciências Econômicas. Nela houve a extinção do Curso Superior de Administração e Finanças e Ciências Atuariais. Esse projeto conseguiu consolidar concepções, formas administrativas e procedimentos implantados:

[...] Que continuaram a funcionar de maneira quase que automática nos anos subsequentes: a idéia de que o sistema universitário necessitava de uma sistematização legal que definisse os currículos dos diversos cursos; a noção de que deveria haver modelos e padrões válidos para todo o país; o princípio que ao título proporcionado pelas universidades deveria corresponder uma profissão regulamentada pela lei; o papel do Ministério da Educação como órgão fiscalizador do sistema educacional, apoiado por um

²⁷⁶ SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema*, op. cit., p. 208.

²⁷⁷ SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema*, op. cit., p. 210.

²⁷⁸ SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema*, op. cit., p. 223.

grande Conselho Nacional; a idéia de que o ponto de partida para a estruturação das universidades deveria ser a construção física de seu campus; e muitos outros projetos que tinham como implicação geral o tolhimento da iniciativa no nível das instituições de ensino e de seu professorado, e a concentração do poder nas autoridades ministeriais, administrativas e financeiras.²⁷⁹

Ademais, houve a preocupação com o ensino superior, ou seja, estruturas para os campus são construídas e toda uma regulamentação é feita para que os cursos possam ser ofertados e frequentados pelos alunos.

O ensino industrial por sua vez, teve como objetivo propiciar mão de obra para as funções que se abriam no mercado de trabalho. Em 1942 é criado o SENAI (Serviço Nacional da Aprendizagem Industrial). Primeiramente, foi destinado para o treinamento de aprendizes, passando depois ao treinamento profissional dos empregados da indústria. Tratava-se do ensino técnico, que propiciava tanto a formação comercial, industrial e agrícola, como também a formação do magistério por meio das escolas normais. Era dirigido pela Confederação Nacional de Indústrias e mantido pelas contribuições das empresas a ela filiadas.

Diante disso, vale ressaltar que esses projetos estavam ligados a um movimento renovador no campo da educação. Referimos ao movimento da Escola Nova, no qual visava um ensino destinado para a população em geral e não somente à elite. Propunham um conteúdo pragmático, incremento à pesquisa e ao pensamento reflexivo, dentre outras ações. Deveria ser assumida pelo Estado, o qual caberia gerenciar e centralizar a educação. É importante salientar que se instituiu a partir do Plano Nacional de Educação de 1937. Nele não é mencionado, explicitamente, a quem esses projetos se destinavam. O “mulato” não aparece citado, enquanto “pessoa”, mais como povo, população, pois representa grande parte da população brasileira, conforme vimos anunciado no Censo Demográfico.

Portanto, podemos inferir que os projetos já mencionados, deveriam criar oportunidades educacionais para determinados tipos sociais, mas não é isso o que acontece. Segundo Palma Filho, “Nada propõe em relação ao ensino primário e à educação popular”²⁸⁰, pois as reformas são marcadas por um caráter fortemente

²⁷⁹ SCHWARTMAN, Simon. *Tempos de Capanema*, op. cit., p. 243.

²⁸⁰ FILHO, João Cardoso Palma. *A educação brasileira no período de 1930 a 1960: A era Vargas*. UNESP, p. 3. Disponível em:

elitista e um conteúdo enciclopédico, que aliado a um sistema de avaliação rigoroso, “controlado do centro, exigente e exagerado, quanto ao número de provas e exames, fez que a seletividade fosse a tônica de todo o sistema”.²⁸¹ Dessa maneira, favorecia os alunos vindos das camadas mais abastadas. Dificultava o acesso e a permanência dos alunos pobres oriundos de famílias desfavorecidas economicamente, onde encontramos o tipo social “mulato”.

Contudo, é importante ressaltarmos a presença de algumas práticas pedagógicas voltadas à educação escolar e popular. Referimos notadamente a criação do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE) em 1937. O cinema “era visto” como uma maneira de contribuir para a propaganda, a integração nacional e a mobilização das massas, sendo que nesse último aspecto, ele não seria apenas um auxiliar para a transmissão do saber, mas para formar o povo, mais especificamente uma população letrada.

Dessa maneira, os filmes documentários trariam “[...]a presença da natureza para a sala de aula e aproximaria determinados fenômenos sociais vividos pelas populações do mundo”.²⁸² Como exemplo, citamos o sertão. A partir de sua produção, as pessoas que viviam isoladas no interior, poderiam conhecer novas localidades. Já as que viviam na capital, como Rio de Janeiro e São Paulo, conheceriam este lugar que tanto os fascinava.²⁸³

Assim, “[...] o cinema documentário poderia resgatar aqueles que estavam excluídos do saber oficial e, por isso, o filme educativo deveria ser acessível à compreensão dos espectadores, de modo a abranger toda a sua diversidade”.²⁸⁴

Dessa maneira, podemos perceber o papel de destaque que a educação tinha, dentro e fora do ambiente escolar. E “[...] a circulação das imagens cinematográficas nas escolas poderia ter permitido a emergência de um educador público de cinema”.²⁸⁵

<<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/107/3/01d06t05.pdf>> Acesso em: 09/03/2017.

²⁸¹ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. 23. ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1999, p. 137.

²⁸² VENÂNCIO FILHO, F. *A educação e seu aparelhamento moderno*. Rio de Janeiro: Nacional, 1941, p. 52.

²⁸³ Conferir CATELLI, Rosana Elisa. *Coleção de imagens: o cinema documentário na perspectiva da Escola Nova, entre os anos de 1920 e 1930*. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 111, Abr.-Jun., 2010, p. 613. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a16.pdf>> Acesso em: 13/03/2018.

²⁸⁴ CATELLI, Rosana Elisa. *Coleção de imagens: o cinema documentário na perspectiva da Escola Nova, entre os anos de 1920 e 1930, op. cit.*, pp. 617-618.

²⁸⁵ CATELLI, Rosana Elisa. *Coleção de imagens: o cinema documentário na perspectiva da Escola Nova, entre os anos de 1920 e 1930, op. cit.*, p. 622.

Portanto, o debate gerado pela Escola Nova, segundo afirma Rosana Elisa Catelli: “[...] em torno do próprio cinema brasileiro, que procurava, ainda de forma incipiente, padronizar as imagens que estavam sendo veiculadas sobre o Brasil e buscava definir um modelo de cinema documentário”.²⁸⁶

Além disso, elucidamos também que os homens e mulheres pobres e trabalhadores da sociedade brasileira figuram dentro e fora do texto literário e sociológico, apresentando-se como um símbolo de uma identidade nacional em construção. Daí nosso desejo de repassar aqui as diferentes representações desse tipo social, muitas vezes figurado nas palavras-chave da sociologia brasileira, mas também na ficção do período, como em *Através do Brasil*. Era uma obra criada na década de 1910, mas que ao ser reeditada na década de 1930, pode ser vista como uma das expressões literárias daquela época, pois repassa notas dominantes de um determinado momento histórico refratadas nas duas palavras-chave que analisamos.

Nesse sentido para terminar, podemos nos perguntar agora em que aspectos a obra *Através do Brasil* se combina com essa época? Combina naquilo que apresentamos sobre o emprego de determinada palavra-chave, isto é, *Através do Brasil* contribui para um vocabulário de época, em que um tipo social é pauta literária, intelectual e política.

²⁸⁶ CATELLI, Rosana Elisa. *Coleção de imagens: o cinema documentário na perspectiva da Escola Nova, entre os anos de 1920 e 1930, op. cit.*, p. 622.

Considerações finais

Para encerrar, gostaríamos de enfatizar que esta pesquisa buscou-se orientar pela assertiva, operada aqui como hipótese, de que *aquilo que vivem os personagens acontece com os homens em geral*,²⁸⁷ sendo que a construção dessa relação entre o texto e o contexto foi proporcionada neste estudo pelo recurso das palavras-chave. Partindo da perspectiva de que o que é escrito em uma obra ficcional, mais especificamente as palavras, tem uma relação mediada com a realidade, estudar as palavras-chave nos ajudou a perceber como uma obra ficcional (*Através do Brasil*) passou por mudanças de significado graças a uma época posterior (1930) daquela que a viu nascer (1910).

A leitura textual e de fontes diversas, sobretudo, jornais e revistas, contribuiu também para avaliar como um determinado texto dialoga com épocas diferentes. *Através do Brasil* foi publicado em 1910, mas foi 1930, que alguns momentos decisivos do livro puderam criar outro universo de sentido. Percebemos isso pelas palavras-chave “viagem” e mulato”.

Pudemos apreender isso no Capítulo 1 e 2, quando foi realizada tanto a revisão bibliográfica da obra e de seus autores quanto introduzido o sentido de “viagem”, que estava presente na literatura, nas pinturas e nas histórias. Isso demonstrou que a temática da “viagem” trabalhada em *Através do Brasil* comunicou-se com determinada época através de uma mesma palavra. Na verdade, existiam muitas outras palavras, mas nossa hipótese é de que algumas delas se construíram enquanto uma “nota dominante”, algo que pode ser reconhecido nas diversas redescobertas das “viagens pitorescas” através do Brasil.

É importante destacar também a função social presente em *Através do Brasil*. O que estamos afirmando é o trabalho ideológico nacionalista que percorre a obra. É marcado por um caráter conformador no qual não desperta no aluno a fantasia, a reflexão e o questionamento social por parte dos personagens. Ao contrário, há uma “explanção dominante” um tanto “doutrinária” talvez, que “serve” de pretexto para ensinar as diversas lições, como exemplo, a de higiene e o civismo. Desta maneira, se retomarmos um dos momentos iniciais do livro *Através do Brasil*, na parte

²⁸⁷ AUERBACH, Erich. “A meia marron”. In: *Mimesis*, op. cit., p. 497.

introdutória “Advertência e Explicação”, podemos lembrar quais valores o livro anunciava no seu início: trabalhar a bondade, a coragem e harmonizar os esforços. Isso tudo, não dentro de um espírito humanizador, mas dentro de um caráter didático e conformista, conforme a própria tradição crítica desse livro já nos apresentou.

Para encerrar, no Capítulo 3, discutimos a palavra-chave “mulato”, que foi representada pelo personagem Juvêncio de *Através do Brasil*. Combinando com a análise de jornais e revistas, mas também através de alguns momentos da sociologia brasileira, podemos perceber que a palavra-chave “mulato” era um vocabulário de época bastante dominante na década de 1930, não em 1910, o que significa que somente na 23ª edição foi possível reconhecer a força semântica desta palavra-chave.

Manoel Bomfim e Olavo Bilac, com a reedição da obra *Através do Brasil* em 1931, trabalharam com diferentes palavras, temas e imagens, mas foram algumas palavras-chave, mais especificamente “mulato” e “viagem”, que nos permitiram compreender como uma obra poderia ser reconhecida numa sociedade diferente daquela que a produziu, originalmente, criando outro universo de sentido para uma mesma obra ficcional.

Havia não somente um interesse editorial por *Através do Brasil*, ele também confirma visões de época, certas vezes um mesmo sentimento nacional e conformador, algumas notas dominantes, algo que significativas “palavras-chave” nos ajudaram a compreender.

Referências Bibliográficas

ABECASSIS, Ruth Fonseca; NASCIMENTO, Dilce Pio; SANTOS, Francisco Bezerra dos. *Aspectos românticos e eróticos nas entrelinhas de Olavo Bilac*. Abralic XIV Congresso Internacional Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias. Anais Eletrônicos. Disponível em:

<www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456150797.pdf> Acesso em: 23/08/2017.

A ESCOLA PRIMARIA (RJ) – 1916 a 1938. *Livraria Francisco Alves*. 1931, p. 24. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=097497&pesq=%22Atravez%20do%20Brasil%22&pasta=ano%20193>> Acesso em: 24/10/2017.

ALVES FILHO, Aluizio. *Pensamento Político no Brasil – Manoel Bomfim: Um Ensaísta Esquecido*. Rio de Janeiro: Achimé, 1979.

AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira*. 8. ed. refundida e ampl. São Paulo, Saraiva, 1973.

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARANHA, Graça. *O Rio ouviu pelo radio o seu “Canto do Revolucionario”*. In: JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro: RJ, 6 de Dezembro de 1930, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=Mulato&pasta=ano%2019> Acesso em: 16/04/2017.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/237036/mod_resource/content/1/BENZAQUEN%2C%20Ricardo.%20Corpo%20e%20Alma%20do%20Brasil.pdf> Acesso em: 13/03/2018.

ARAÚJO, Nelton S. "*Imprensa e Poder nos anos 1930: uma análise historiográfica*". Anais do VI. Congresso Nacional de História da Mídia, Niterói, 2008, p. 15. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Imprensa%20e%20Poder%20nos%20anos%201930.pdf>> Acesso em: 13/03/2018.

AUERBACH, Erich. "A meia marron". In: *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

AUERBACH, Erich. *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2007.

BILAC, Olavo. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 12 novembro de 1908.

BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil: Leitura para o curso médio das escolas primárias*, Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves, 1910.

BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931.

BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves, 1931.

BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1949.

BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa) Livro de leitura para o curso médio das Escolas Primárias*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves, 1958.

BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Prática da Língua Portuguesa Através do Brasil (Narrativa)*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves, 1962.

BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil: prática da língua portuguesa; narrativa*. Organizado por Marisa Lajolo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

BOMFIM, Manoel. *A America Latina: males de origem*. Rio de Janeiro, RJ: H. Garnier, 1905.

BOMFIM, Manoel *apud* SODRÉ, Néelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

BOMFIM, Manoel José do (Autor); LEAL, Claudio Murilo, (pref.); RIBEIRO, Paulo de F. (org.). *Através do Brasil/ Olavo Bilac e Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro (RJ, BR): Fundação Darcy Ribeiro, 2013 (Coleção Biblioteca Básica Brasileira, 23).

BOMENY, Helena. "Educação e Brasil na Primeira República". *In*: GOMES, Angela de Castro; Mourão, Alda. *A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal (Recurso eletrônico)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

BOTELHO, André. *Através do Brasil: "Um romance de formação" da modernidade brasileira*. *Revista Ci. & Tróp.*, Recife, v. 26, nº 1, jan./jun., 1998. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/668/439>> Acesso em: 04/03/2018.

BOTELHO, André. "Manoel Bonfim: um percurso da cidadania no Brasil". *In*: *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. Organização de André Botelho, Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.

BOTELHO, André *apud* OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Manuel Bonfim: autor esquecido ou fora do tempo?* *Revista Sociologia&antropologia*, Rio de Janeiro, v.05.03, Dezembro, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sant/v5n3/2236-7527-sant-05-03-0771.pdf>> Acesso em: 04/03/2018.

BRAGANÇA, Aníbal. "A Política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil". *In*: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2000.

BRAGANÇA, Aníbal. “A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução”. In: MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)* / Edmundo Moniz; notas bibliográficas por Oswaldo Melo Braga. Introdução por Aníbal Bragança – 2. ed. – Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. VII-VIII (Coleção Afrânio Peixoto, 88). Disponível em: <http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/francisco_alves_de_oliveira_-_edmundomoniz_-_para_internet.pdf> Acesso em: 02/03/2018.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos)*. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1959.

CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira II*. 3. ed. rev. São Paulo, SP: Difusão Europeia do Livro, 1968.

CANDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. Ciência e Cultura. São Paulo, v. 24, n. 9, 1972.

CANDIDO, Antônio. “Literatura como sistema”. In: *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. Rio de Janeiro, RJ; São Paulo, SP: Ouro sobre Azul: FAPESP, 2009.

CANDIDO, Antônio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. *A Personagem de Ficção*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2009.

CANDIDO Antônio. *Vários escritos*. 5. ed. corr. Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre Azul, 2011.

CATELLI, Rosana Elisa. *Coleção de imagens: o cinema documentário na perspectiva da Escola Nova, entre os anos de 1920 e 1930*. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 111, Abr.-Jun., 2010, p. 613. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a16.pdf>> Acesso em: 13/03/2018.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary del Priore, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger *apud* FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Um estudo das edições de Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 2 (59), maio/ago, 2009. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n2/v20n2a12.pdf>> Acesso em: 17/03/2018.

CORREIO DA MANHÃ (RJ) – 1936 a 1939. *Escotismo*. 16 de Março de 1936, p. 12. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Atravez%20do%20Brasil%22&pasta=ano%20193> Acesso em: 24/10/17.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Tradução: Teodoro Cabral e Paulo Rónai. – São Paulo: Hucitec: Edusp, 1996.

DE AMICIS, Edmondo. *Cuore*. Ed. integrale. Roma (Itália): Newton, 1994.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Um estudo das edições de Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 2 (59), maio/ago, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n2/v20n2a12.pdf>> Acesso em: 17/03/2018.

FILHO, João Cardoso Palma. *A educação brasileira no período de 1930 a 1960: A era Vargas*. UNESP, p. 3. Disponível em:

<<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/107/3/01d06t05.pdf>> Acesso em: 09/03/2017.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2004.

GOLDFEDER, André; Waizbort, Leopoldo. “Sobre os ‘tipos’ em Raízes do Brasil”. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 49, Março/ Setembro 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/download/34638/37376>> Acesso em: 25/03/2018.

H AidAR, Maria de Lourdes Mariotto apud BRAGANÇA, Aníbal. “A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução”. In: MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)* / Edmundo Moniz; notas bibliográficas por Oswaldo Melo Braga. Introdução por Aníbal Bragança – 2. ed. – Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. VII-VIII (Coleção Afrânio Peixoto, 88). Disponível em: <http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/francisco_alves_de_oliveira_-_ed_mundo_moniz_-_para_internet.pdf> Acesso em: 02/03/2018.

HEMEROTECA DIGITAL. Site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital>> Acesso em: 20/04/2017.

HERSCHMANN, Micael. “Entre a insalubridade e a ignorância: a construção do campo médico e do ideário moderno no Brasil”. In: KROPF, Simone; Herschmann, Micael & Nunes, Clarice (orgs.). *Missionários do progresso*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Trabalho e aventura”. In: *Raízes do Brasil*. 15. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Coautoria de Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Mello Franco. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2009.

IBGE. *Censo demográfico população e habitação: quadros de totais para o conjunto da união e de distribuição pelas regiões fisiográficas e unidades federadas*. Rio de Janeiro, 1950, p. 1. Disponível em:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_v2_br.pdf> Acesso em 01/05/2017.

JORNAL DO BRASIL (RJ) – 1930 a 1939. *Regresso da missão científica franceza*. 1 de Janeiro de 1930, p. 7. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=%22viagem%22&pasta=ano%20193> Acesso em: 26/10/2017.

JORNAL DO BRASIL (RJ). *Inspectoria Escolar do Segundo Districto*. 8 de Abril de 1932, p. 31. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=%22Atravez%20do%20Brasil%22&pasta=ano%20193> Acesso em: 24/10/2017.

JORNAL DO BRASIL. *Registro Literario*. Rio de Janeiro: RJ, 31 de Janeiro de 1934, p. 10. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=Mulato&pasta=ano%20193> Acesso em: 16/04/2017.

JORNAL DO BRASIL. *Registro Literario*. Rio de Janeiro: RJ, 31 de Janeiro de 1934, p. 14. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=Mulato&pasta=ano%20193> Acesso em: 16/04/17.

JORNAL DO BRASIL (RJ) – 1930 a 1939. *O cruzador francês "D'Entrecasteaux"*. 28 de Dezembro de 1935, p. 11. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&PagFis=22&Pesq=%22viagem%22> Acesso em: 26/10/2017.

JÚNIOR, Guilherme Simões Gomes. *Arte da paisagem e viagem pitoresca – Romantismos entre academia e mercado*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 27, nº 79, Junho/2012. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n79/a07.pdf>> Acesso em: 13/03/2018.

KRACAUER, Siegfried. “Sobre livros de sucesso e seu público”. *In: O ornamento da massa*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LAJOLO, Marisa Philbert. *Usos e abusos da literatura na escola*. Universidade de São Paulo, USP, Brasil, 1980.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

LAJOLO, Marisa Philbert; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1985.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira História e Histórias*. 6. ed. São Paulo, SP: Ática, 1999.

LIMA, Valéria Alves Esteves. *J.-B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

LEITE, Joaquim da Costa *apud* BRAGANÇA, Aníbal. “A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução”. *In: MONIZ, Edmundo. Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor) / Edmundo Moniz; notas bibliográficas por Oswaldo Melo Braga. Introdução por Aníbal Bragança – 2. ed. – Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. VII-VIII (Coleção Afrânio Peixoto, 88)*. Disponível em:

<http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/francisco_alves_de_oliveira_-_edmundomoniz_-_para_internet.pdf> Acesso em: 02/03/2018.

LINO, Sonia Cristina. *Mundo, desmundo, novo mundo – ficções históricas e hibridismo em narrativas sobre origens*. S/d, p. 65. Disponível em:

<https://www.academia.edu/10223926/Mundo_Desmundo_Novo_Mundo._Fic%C3%A7%C3%B5es_hist%C3%B3ricas_e_hibridismo_em_narrativas_sobre_origens> Acesso em: 20/10/2017.

MILLIN, Aubin Louis *apud* JÚNIOR, Guilherme Simões Gomes. *Arte da paisagem e viagem pitoresca – Romantismos entre academia e mercado*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 27, nº 79, Junho/2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n79/a07.pdf>> Acesso em: 13/03/2018.

MOYSÉS, Sarita Affonso. *Literatura e história Imagens de leitura e de leitores no Brasil do Século XIX*. Revista Brasileira de Educação, Set/Out/Nov/Dez Nº 0, 1995.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

OLIVA, Terezinha Alves de. *Manoel Bomfim e os Impressos sobre Educação*. Comunicação apresentada ao Seminário Os impressos e a educação brasileira. São Cristovão, NPGED/UFS (30 A 31 de Janeiro de 2002).

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2002.

OLIVA, Terezinha Alves de; SANTOS, Claudfranklin Monteiro. *As multifaces de “Através do Brasil”*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, n. 48, 2004, p. 111. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n48/a05v24n48.pdf>> Acesso em: 17/03/2018.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Manuel Bomfim: autor esquecido ou fora do tempo?*, *Revista Sociologia&antropologia*, Rio de Janeiro, v.05.03, Dezembro, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sant/v5n3/2236-7527-sant-05-03-0771.pdf>> Acesso em: 04/03/2018.

PAIXÃO, Alexandre Henrique. “O gosto literário pelos romances no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro”. In: ABREU, Márcia. *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2016.

PAIXÃO, Alexandre Henrique. “*Memórias de um Sargento de Milícias. Educação primária e trabalho livre no tempo d’el-rei*”. Pro-posições, V. 27, N. 3 (81) / Set. Dez, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010373072016000300121&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 25/03/2018.

PAIXÃO, Alexandre Henrique. *Leitores de Tinta e Papel: elementos constitutivos para o estudo do público literário no século XIX*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2017.

PEIXOTO, Afrânio *apud* BRAGANÇA, Aníbal. “A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução”. In: MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)*, Edmundo Moniz; notas bibliográficas por Oswaldo Melo Braga. Introdução por Aníbal Bragança – 2. ed. – Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. VII-VIII (Coleção Afrânio Peixoto, 88). Disponível em: <http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/francisco_alves_de_oliveira_-_edmundo_moniz_-_para_internet.pdf> Acesso em: 02/03/2018.

REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro: RJ, 1 de Outubro de 1938, p. 98. Disponível em:<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_03&pesq=Mulato&pasta=ano%20193> Acesso em: 16/04/17.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. 23. ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1999.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. *Através do Brasil: uma trajetória centenária*. São Cristovão: Editora UFS, 2012.

SCHWARTMAN, Simon. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Tradução de Paulo M. Garchet. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac, publicada em periódicos de 1894-1904*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2007

SODRÉ, Néelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TREVISAN, Anderson Ricardo. *Cinema, história e nação: Humberto Mauro e O Descobrimento do Brasil*. *Estud. sociol.*, Araraquara, v.21, n.40, jan.-jun/2016. Disponível em: <<https://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/7477/5802>> Acesso em: 13/03/2018.

TREVISAN, Anderson Ricardo. *A redescoberta de Debret no Brasil Modernista*. São Paulo: Alameda, 2016.

TREVISAN, Anderson Ricardo. "Debret na Revista da Semana entre 1900-1930". In: *A redescoberta de Debret no Brasil Modernista*. São Paulo: Alameda, 2016.

URKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

VENÂNCIO FILHO, F. *A educação e seu aparelhamento moderno*. Rio de Janeiro: Nacional, 1941.

VENTURA, Roberto. Manoel Bomfim. "A América Latina: males de origem". In: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico 2*. São Paulo: Senac, 2001.

VILAR, Leandro. "Raízes do Brasil – uma síntese". 20 de Agosto de 2012, S/a. Disponível em: <<http://seguindopassoshistoria.blogspot.com.br/2012/08/raizes-do-brasil-uma-sintese.html>> Acesso em: 12/01/2018.

WAIZBORT, Leopoldo. “Erich Auerbach sociólogo” [Vico e Auerbach, esquematicamente]”. *In: Tempo social*, vol.16, n.1, São Paulo, Junho 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702004000100004>>; acesso em: Abril 2017.

WAIZBORT, Leopoldo. “O mal-entendido da democracia”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Volume 26, n. 76, Junho/2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n76/03.pdf>> Acesso em: 25/03/2018.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WILLIAMS, Raymond. “Imágenes de la Sociedad”. *In: La larga revolución*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Tradução de Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

WILLIAMS, Raymond. “A cultura é algo comum”. *In: Recursos da esperança*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.